



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ANTÔNIA ALVES DE ALMEIDA

**UM ESTUDO COMPARATIVO INICIAL DO PERFIL
SÓCIOECONÔMICO DOS/AS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS (EJA) DOS COLÉGIOS ESTADUAIS JOÃO
ALVES BATISTA E ADOLFO BEZERRA DE MENEZES –
ARAGUAÍNA – TO (2016)**

ARAGUAÍNA-TO
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

A474e Alves de Almeida, Antônia .

Um estudo comparativo inicial do perfil socioeconômico dos/as estudantes da Educação de Jovens e Adultos(EJA) dos colégios Estaduais João Alves Batista e Adolfo Bezerra de Menezes - Araguaína - TO (2016) . / Antônia Alves de Almeida. – Araguaína, TO, 2016.

63 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Geografia, 2016.

Orientadora : Prof^a. Ms. Fátima Maria De Lima

1. EJA (Educação de Jovens e Adultos). 2. Perfil sócioeconômico. 3. Educação. 4. Colégios. I. Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ANTÔNIA ALVES DE ALMEIDA

**UM ESTUDO COMPARATIVO INICIAL DO PERFIL
SÓCIOECONÔMICO DOS/AS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS (EJA) DOS COLÉGIOS ESTADUAIS JOÃO
ALVES BATISTA E ADOLFO BEZERRA DE MENEZES –
ARAGUAINA – TO (2016)**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena
em Geografia da Universidade Federal do
Tocantins, como requisito parcial à obtenção
do título de graduada em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Fátima Maria de Lima

ARAGUAÍNA-TO
2016

ANTÔNIA ALVES DE ALMEIDA

**UM ESTUDO COMPARATIVO INICIAL DO PERFIL
SÓCIOECONÔMICO DOS/AS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS (EJA) DOS COLÉGIOS ESTADUAIS JOÃO
ALVES BATISTA E ADOLFO BEZERRA DE MENEZES –
ARAGUAINA – TO (2016)**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena
em Geografia da Universidade Federal do
Tocantins, como requisito parcial à obtenção
do título de graduada em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Fátima Maria de Lima

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Fátima Maria de Lima
Orientadora

Prof.^o Dr.^a Kênia Gonçalves Costa

ARAGUAÍNA-TO
2016

AGRADECIMENTOS

À Deus meu tudo, sem ele não teria forças para chegar até o presente.

À Universidade Federal do Tocantins (UFT) pelo ensino público gratuito e de qualidade.

À minha orientadora, Professora Ma. Fátima Maria de Lima pela disposição em me orientar nesta pesquisa.

À Professora Dr.^a Kênia Gonçalves Costa, por aceitar participar da minha Banca.

À Escola Estadual João Alves Batista, em nome da Professora Jaciane que me receberam com grande carinho.

À Escola Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, em nome da Professora Aldenir que expressaram enorme satisfação em me receber.

À todos meus/minhas professores/as do Colegiado de Geografia da Universidade Federal do Tocantins, *Campus* Cimba, Araguaína-TO.

Aos/às meus/minhas meus professores/as do ensino básico, sem eles (as) eu não teria jamais conseguido cursar o ensino superior.

À minha família, especialmente, aos meus amados pais: Valdeci e Maria José; meus irmãos e irmãs, de maneira especial, à minha irmã Elzivânia e minha sobrinha Elaine Thallia.

Às minhas amigas Rúbia Karla e Mayza Holanda e ao meu amigo Fabricio Chagas, que estiveram comigo sempre, todos juntos no desenvolvimento dos trabalhos e atividades acadêmicas. Como fomos apelidados por alguns professores de “quarteto fantástico” não conseguiam nos separar nunca. E aos demais colegas de turma que me ajudaram de alguma forma.

Deus, meu tudo.

Meus pais Valdeci Alves de Almeida e Maria
José de Almeida, a minha querida sobrinha
Elaine Thallia Alves de Lima.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

(Paulo Freire).

RESUMO

O presente trabalho monográfico traz um estudo sobre o perfil socioeconômico dos alunos (as) das unidades escolares: Escola Estadual João Alves Batista e Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes ambas localizadas no município de Araguaína-TO, levando em consideração a realidade na qual os mesmos estão envolvidos no tocante a educação, visto que, eles terão que enfrentar desafios e problemas diante do mundo globalizado e, do mercado competitivo da atualidade. Assim sendo, percebe-se que o educando em qualquer modalidade de ensino, nem sempre vai à escola somente para cumprir uma obrigação ou a procura de um diploma. A inquietação de alunos e professores que trabalham na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) proporcionou subsídios para uma reflexão maior sobre a problemática aqui apresentada e, ainda foi preciso uma pesquisa bibliográfica em alguns autores que pudessem contribuir de maneira significativa na compreensão do assunto em pauta. Sendo uma pesquisa de campo, usou-se o método qualitativo, desta forma, para coleta de dados foi usado um questionário sendo composto de perguntas fechadas e abertas, para os alunos a partir de 18 anos de idades demonstrando o perfil socioeconômico dos mesmos. Ainda neste, foi possível perceber que os professores da EJA se deparam diariamente com jovens que possuem um histórico de repetência, de abandono da escola, desmotivados com a instituição e com eles próprios. Fatores que podem constituir num entrave para um possível sucesso escolar e, conseqüentemente profissional.

PALAVRAS-CHAVE: EJA. Perfil do aluno. Educação.

ABSTRACT

This monograph presents a study on the socioeconomic profile of students (as) of school units: Escola Estadual João Alves Batista and Escola Estadual Adolfo Bezerra de Menezes both located in the municipality of Araguaína-TO, taking into account the reality in which they are involved in regard to education, since they will have to face challenges and problems facing the globalized world of today's competitive market. Thus, it is clear that the student in any type of education does not always go to school only to fulfill an obligation or demand a diploma. Caring students and teachers who work in the form of youth and Adult Education (EJA) provided subsidies for further consideration of the issues presented here, and it still took a literature search in some authors who could make a significant contribution in understanding subject matter. Being a field research, we used the qualitative method in this way, data collection was used a questionnaire is composed of closed and open questions, for students from 18 years of age demonstrating the socioeconomic profile of them. Also in this, it was revealed that adult education teachers are faced daily with young people who have a repetition of history, school dropout, unmotivated with the institution and with themselves. Factors that may constitute an obstacle to a possible school and consequently professional success.

KEY-WORDS: Adult education. Student profile. Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Escola Estadual Professor João Alves Batista, Araguaína (TO).	26
Figura 2 - Colégio Adolfo Bezerra de Menezes, Araguaína (TO).	28

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Faixa Etária dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.....	31
Gráfico 2 - Sexo dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista	32
Gráfico 3 - Etnia dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.....	32
Gráfico 4 - Estado Civil dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.	33
Gráfico 5 - Dependentes dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista	33
Gráfico 6 - Conclusão do Ensino Fundamental dos/as Discentes da Escola Est. João Alves Batista.....	34
Gráfico 7 - Profissão dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.	34
Gráfico 8 - Bairro/Setor em que residem os/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.....	35
Gráfico 9 - Condução utilizada pelos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista. ..	35
Gráfico 10 - Escolha dos/as Discentes pela Escola Estadual João Alves Batista.....	36
Gráfico 11 - Renda dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.....	36
Gráfico 12 - Outras fontes de renda dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.	37
Gráfico 13 - Profissão dos pais dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.	37
Gráfico 14 - Profissão dos Mães dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista. ..	38
Gráfico 15 - Motivações de não prosseguir nos estudos dos/as Discentes da Escola Est. João Alves Batista.....	38
Gráfico 16 - Motivação do retorno a escola dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.....	39
Gráfico 17 - Motivo da escolha pelo EJA dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.....	40
Gráfico 18 - Interesse em seguir nos estudos dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.....	40
Gráfico 19 - Interesse em cursar o nível superior dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.....	41
Gráfico 20 - Preferência de Universidade dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.....	41
Gráfico 21 - Faixa Etária dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.	42
Gráfico 22 - Sexo dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.	43

Gráfico 23 - Etnia dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.	43
Gráfico 24 - Estado Civil dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.	44
Gráfico 25 - Dependentes dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.....	44
Gráfico 26 - Conclusão do Ensino Fundamental dos/as Estudantes do Colégio Est. Adolfo Bezerra de Menezes.....	45
Gráfico 27 - Profissão dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.	45
Gráfico 28 - Bairro/Setor em que residem os/as Discentes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.....	46
Gráfico 29 - Condução utilizada pelos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.....	46
Gráfico 30 - Escolha dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes...	47
Gráfico 31 - Renda dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.	47
Gráfico 32 - Outras fontes de renda dos/as estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.....	48
Gráfico 33 - Profissão dos pais dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.....	48
Gráfico 34 - Profissão dos Mães dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.....	49
Gráfico 35 - Motivações de não prosseguir nos estudos dos/as Discentes do Colégio Est. Adolfo B. de Menezes.	49
Gráfico 36 - Motivação do retorno a escola dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.....	50
Gráfico 37 - Motivo da escolha pela EJA dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.....	50
Gráfico 38 - Interesse em seguir nos estudos dos/as estudantes do Colégio Est. Adolfo Bezerra de Menezes.....	51
Gráfico 39 - Interesse em cursar o nível superior dos/as Estudantes do Colégio Est. Adolfo Bezerra de Menezes.....	51
Gráfico 40 - Preferência de Universidade dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.....	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I - UM BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO BRASIL COM ÊNFASE PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA).....	15
1.1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O MOBREAL DO SÉCULO XX.	18
1.2 PAULO FREIRE: O MESTRE NA EDUCAÇÃO DO BRASIL.	19
CAPÍTULO II – ABORDAGENS DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA E SUAS MEDIAÇÕES COM O ENSINO DE GEOGRAFIA.	21
CAPÍTULO III – O PERFIL SÓCIOECONÔMICO DO/A ESTUDANTE DA EJA DO 3º SERIE NA ESCOLA ESTADUAL JOÃO ALVES BATISTA E NO COLÉGIO ESTADUAL ADOLFO BEZERRA DE MENEZES- ARAGUAÍNA-TO.	26
3.1 HISTÓRICO DAS UNIDADES ESCOLARES JOÃO ALVES BATISTA E ADOLFO BEZERRA DE MENEZES.	26
3.2- ANÁLISE DOS DADOS DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ESTUDANTES DAS UNIDADES ESCOLARES ESCOLA ESTADUAL JOÃO ALVES BATISTA E COLÉGIO ESTADUAL ADOLFO BEZERRA DE MENEZES.....	30
3.2.1 Escola Estadual João Alves Batista.	31
3.2.2 Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.	42
CAPÍTULO IV - AS CONCEPÇÕES DOS(AS) ESTUDANTES DO EJA DO COLÉGIO ESTADUAL JOÃO ALVES BATISTA E DO COLÉGIO ESTADUAL ADOLFO BEZERRA DE MENESES SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA.....	53
4.1 CONCEPÇÕES DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO COLÉGIO ESTADUAL JOÃO ALVES BATISTA.	53
4.2 CONCEPÇÕES DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO COLÉGIO ESTADUAL ADOLFO BEZERRA DE MENEZES.	55
4.3 COMPARATIVO ENTRE AS UNIDADES ESCOLARES.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICES.....	62

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa demonstrar o perfil socioeconômico dos/as estudantes da EJA - Educação de Jovens e Adultos da 3ª Série do III Segmento da Escola Estadual João Alves Batista e do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, no município de Araguaína, no Estado do Tocantins, e, ainda, como essa modalidade de ensino ocorre na disciplina de Geografia no ano de 2016.

No intuito de compreender os lugares da presente pesquisa, foi feito um breve histórico e trajetória das unidades escolares: Escola Estadual João Alves Batista e Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes; a primeira localizada, na Rua Ademar Vicente Ferreira, s/n, no centro da cidade e a segunda, na Rua Gonçalves Lêdo, s/n, bairro São João. A modalidade de ensino EJA foi adotada pelas escolas devido à existência de aproximadamente 120 jovens e adultos carentes de um nível educacional que pudesse ajudar em suas atividades profissionais e aos que estão em busca de ingressar no mercado de trabalho.

A escolha das escolas acima citadas para a pesquisa ocorreu devido uma ansiedade em compreender a realidade das pessoas que procuram a modalidade da EJA e como essas colocariam a aprendizagem adquirida em prática, sendo em suas vidas profissional e educacional.

Assim sendo, foi possível observar que os profissionais das escolas em estudo são comprometidos com a educação que os gestores e educadores têm com seus estudantes o objetivo de transmitir os seus conhecimentos, contribuindo e ajudando, na formação dos mesmos tornando-os cidadãos conscientes e dispostos para enfrentar os desafios do mundo atual.

Mediante ao mencionado acima, foram realizadas pesquisas nas unidades escolares supracitadas, entrevistas semiestruturadas com estudantes para a realização do estudo aqui apresentado. A gestão escolar foi prestativa e disponível nas informações necessárias na efetivação do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC.

Desta forma justifica-se a pesquisa aqui mencionada, pois a EJA é uma modalidade de ensino procurada por pessoas que por algum motivo tiveram que abandonar os estudos e deixaram de estudar aquela série em sua idade regular, devido à necessidade de trabalhar com um nível de instrução melhor, essas pessoas procuram as escolas para se matricular em uma sala da EJA, com um objetivo principal de estudar e se qualificar para o mercado de trabalho competitivo dos dias atuais.

O trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta um breve histórico da educação no Brasil com destaque na Educação de Jovens e Adultos. O segundo capítulo enfatiza abordagens da ciência geográfica e suas mediações com o ensino de geografia. No terceiro capítulo é possível observar o perfil socioeconômico do/a estudante da EJA da 3ª série na Escola Estadual João Alves Batista e no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes – Araguaína/TO, 2016. E, por último o quarto capítulo que demonstra as concepções dos/as estudantes da EJA da Escola Estadual João Alves Batista e do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes sobre o ensino de Geografia.

CAPÍTULO I - UM BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO BRASIL COM ÊNFASE PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA).

A História do Brasil a partir do século XVI está ligada a acontecimentos vindos da Europa, onde países como Portugal e Espanha buscavam a expansão comercial. Assim, o processo colonização fortaleceria a ampliação do comércio, onde as colônias forneceriam produtos tropicais e metais preciosos para as metrópoles. “No caso Brasil, a colonização assumiu aspecto que dependeram da forma pela qual Portugal e Espanha se situaram no quadro de desenvolvimento econômico e cultural europeu” (ARANHA, 2006, p.139).

Portanto, na Europa os ventos da modernidade assumiam de vez a tradição medieval, enquanto que, no Brasil a economia caminhava de maneira pré-capitalista com os grandes proprietários de Terra.

A economia colonial expandiu-se em torno do engenho de cana de açúcar que recorria ao trabalho escravo inicialmente de índios e depois por negros africanos. “Logo se tinha latifúndios, escravatura, monocultura, eis as características da estrutura econômica colonial que explicam o caráter patriarcal da sociedade, centrada o poder do senhor do engenho” (ARANHA, 2006, p. 139).

Para Aranha (2006), neste contexto, a educação não era meta prioritária, já que o desempenho de funções na agricultura não exigia formação especial, porém, as metrópoles europeias enviaram religiosos para o trabalho missionário e pedagógico com o objetivo de converter e impedir que os colonos se desviassem da fé católica. E nesta situação a educação passou a exercer papel de agente colonizador.

Assim, a alfabetização no Brasil começa por volta de 1549 com a chegada dos padres jesuítas vindos de Portugal. Eles tinham a finalidade de catequizar e instruir adultos e adolescentes, tantos os nativos como os colonizadores também. Mas por aqui, os índios tinham características próprias de fazer educação, era uma educação praticada por eles em suas tribos, a qual não tinha nenhum modelo a ser seguindo como impunha o modelo europeu.

Os jesuítas catequizaram esses povos até 1759, quando foram neste mesmo ano expulsos das colônias, por Sebastião José de Carvalho e Melo o Marquês de Pombal que era primeiro ministro de Portugal de 1750 a 1777. Como os jesuítas tinham preocupações diferentes das de Pombal a educação praticada por eles não convinha mais aos interesses dele que no momento só queria reerguer Portugal que passava por decadência diante de outras potências europeias. Assim a educação dos jesuítas que era voltada para o ensino religioso foi repensada para servir aos interesses do Estado (PILETTI, 1996, *apud* CARLOS, 2013, p.7).

Desta forma, nesse período de 210 anos, os jesuítas promoveram maciçamente a catequese dos índios e educação dos filhos de colonos, a formação de sacerdote e da elite intelectual, além do controle de fé e da moral dos habitantes da nova terra (ARANHA, 2006).

O processo de instalar o sistema de educação no Brasil teve muitos percalços, porque de um lado tinha os indígenas de língua e costumes desconhecidos, e do outro, os portugueses que vieram sem suas mulheres e famílias, além de serem rudes e aventureiros, com hábitos muito criticados pelos religiosos. Porém, o Padre Manoel de Nóbrega tinha espírito empreendedor e conseguiu organizar as estruturas de ensino de acordo com as condições encontradas.

O primeiro jesuíta a aprender a língua dos índios foi Aspilcueta Navarro que também foi o primeiro na entrada dos sertões em missões evangelizadoras. De acordo com Aranha (2006), em 1553 juntou-se a Aspilcueta Navarro o jovem José de Anchieta com apenas 19 anos de idade, que mais tarde se destacaria por seu trabalho apostólico.

A autora mencionada anteriormente ainda enfatiza que a fase heroica da missão jesuíta vai de 1549 a 1570 - data da morte do Padre Manoel de Nóbrega. A atuação dos Jesuítas ocorreu até meados do século XVIII, isto porque, o Governo de Portugal não estava satisfeito com a Companhia de Jesus que tinha conseguido enriquecer com os benefícios que a Coroa tinha lhes concedido.

Para Carlos (2010), somente no Império o ensino volta a ser ordenado, e durante todo esse período por força do Ato Adicional de 1834, a instrução primária esteve descentralizada ficando a cargo das Províncias. Mesmo com a criação da República, a educação não era prioridade para governo. Assim, até fins do século XIX, as oportunidades de escolarização eram muito restritas, eram acessíveis quase que somente às elites proprietárias e aos homens livres das vilas e cidades, sendo a minoria da população.

A partir da Primeira Guerra Mundial, o problema da educação ganha lugar de destaque nos discursos de políticos e intelectuais, que apontava o analfabetismo como vergonha.

E acreditavam à alfabetização o poder de elevação moral e intelectual do país. Assim, inicia-se uma campanha para a erradicação do analfabetismo, surgindo os primeiros “profissionais da educação”, surgem também preocupações com uma escola renovada e com um ensino de qualidade (CARLOS, 2010, p. 8).

A autora acima ainda discorre que, com o fim da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo, surge à volta da democracia, e com ela também surgem às primeiras políticas públicas nacionais destinadas à instrução dos jovens e adultos. Porém, foi em 1947, que o governo

brasileiro lança pela primeira vez a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos – CEAA, quando se estruturou o Serviço de Educação de Adultos do Ministério da Educação. No final da década de 1950 e início da de 1960, começam a surgir movimentos de base voltados para a alfabetização de adultos.

A partir da aprovação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB em 1961, o sistema educacional do país sofreu mudanças, tais como: as pessoas maiores de 16 anos poderiam obter certificados de conclusão do curso ginásial mediante a prestação de exames de madureza e os maiores de 19 anos poderiam obter a conclusão do colegial e outras voltadas para o ensino superior. Como a lei não estabelecia responsabilidades quanto aos exames, todas as instituições educacionais passaram a oferecer tal prerrogativa. Isso provocou o que até hoje o próprio estado brasileiro faz, a aceleração do processo de conclusão da educação básica sem garantia de qualidade ou sequer de um processo de educação ao longo da vida, como ressalta Brandão (1981).

O autor citado acima ainda enfatiza que surgia então, a democratização da escolarização básica que defendia as ideais de educação popular, favorecendo assim, estudantes e intelectuais sob uma nova perspectiva de cultura e educação junto a grupos populares, por meio de diferentes instituições e com graus variáveis de ligação com o Estado. Muitas foram às campanhas e movimentos voltados exclusivamente para a classe trabalhadora e seus anseios, e é nesse contexto que se destaca a participação do educador Paulo Freire com seu ideal de educação com intencionalidade política. Todavia, será somente a partir de 1960 que a oferta de Educação de Jovens e Adultos vai ser estendida ao curso ginásial.

Assim, com a LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1971, estabeleceu-se o supletivo afirmando que este destinaria a suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não tinham seguido ou concluído na idade própria – que poderia ser ministrada a distância, por correspondência ou por outros meios adequados. Cada sistema organizaria o ensino supletivo de acordo com os Conselhos Estaduais de Educação (BRANDÃO, 1981).

O Regime Militar em 1985 levou consigo o Mobral e ocorreu a implantação da Fundação Nacional para a Educação de Jovens e Adultos – Fundação Educar, que dentre outras funções, tinha a de fomentar o atendimento às séries iniciais do 1º grau, a produção de material e a avaliação de atividades. Essa fundação foi extinta em 1990, ficando por conta de órgãos públicos, entidades civis e outras instituições - a responsabilidade educativa de jovens e adultos (SAVIANI, 2001, p. 43).

Prosseguindo, pode-se dizer que a LDBEN de 1996, (BRASIL, 1996) Lei 9.394 reza em seu artigo 37 que: a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria, segundo Brandão (1981). Assim sendo, essa modalidade de ensino requer um cuidado específico no que diz respeito às práticas didáticas metodológicas que institui também a idade mínima para os exames supletivos e inclui a EJA no sistema regular de ensino (BRASIL, 2002).

1.1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O MOBREAL DO SÉCULO XX.

O Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBREAL criado em 1967, (BRASIL, 1967) com a Lei. nº 5379 sob a presidência do General Alberto Costa e Silva. O Mobreal surge como um prosseguimento das campanhas de alfabetização de adultos iniciadas com Lourenço Filho, no ano de 1947. Elas agrupavam pessoas com conhecimentos distintos decorridos das vivências no campo familiar, social e do mundo do trabalho, que desconsiderava a necessidade de uma pedagogia que compreendesse a faixa etária dos jovens, dos adolescentes, dos adultos e os da terceira idade. Assim, a prática da alfabetização desenvolvida pelos movimentos de educação e cultura popular estava vinculada a um processo de conscientização da população sobre sua realidade e como rompimento a essas campanhas assistencialistas e conservadoras, com o golpe, a alfabetização se restringe a um exercício mecânico de aprender a “desenhar o nome” (CARLOS, 2010).

O autor mencionado anteriormente ainda enfatiza que a metodologia utilizada pelo MOBREAL estava fundamentada na aplicação das experiências significativas dos alunos. Assim, mesmo apresentando divergências ideológicas em relação ao método de Paulo Freire, contudo, utilizava-se o método de palavras geradoras, porém, totalmente esvaziado de anseios críticos. A principal e fundamental diferença na utilização destes procedimentos em relação ao método Paulo Freire, era o fato de no MOBREAL haver uma padronização do material utilizado em todo o território nacional, não traduzindo assim a linguagem, as necessidades do povo de cada região e uma série de procedimentos para o processo de alfabetização.

O MOBREAL, assim como outros programas de alfabetização de adultos elaborados pelo governo federal, não atingiu seus objetivos. Sendo, assim, em 1985 ele foi extinto, segundo Carlos (2010).

1.2 PAULO FREIRE: O MESTRE NA EDUCAÇÃO DO BRASIL.

Para Brandão (1981, p. 18), Paulo Freire nasceu no Recife. Embora criado em uma família de classe média, interessou-se pela educação dos oprimidos de sua região. Formou-se em Direito e desenvolveu um "sistema" de ensino para todos os níveis da educação. Foi encarcerado duas vezes em seu país e tornou-se famoso no exterior. Paulo Freire é considerado o mais conhecido educador de nosso tempo.

Paulo Freire dá início a trabalhos com iniciativas populares, quando decide organizar juntamente com paróquias católicas, projetos que abrangem desde o jardim de infância até a educação de adultos, objetivando o desenvolvimento do currículo e a formação de professores. O resultado desse trabalho foi partilhado com outros grupos: técnicas de estudo em grupo, ação em grupo, mesas redondas, debates e distribuição de fichas temáticas. Foi a partir do desenvolvimento desse projeto que se começou a falar de um sistema de técnicas educacionais, o "Sistema Paulo Freire", que podia ser aplicado em todos os graus da educação formal e da não-formal. Mais tarde, nas décadas de 1970 e 1980, no seu trabalho em alfabetização, um elemento do sistema foi interpretado sob a denominação "Método Paulo Freire" e "conscientização" como um *passe-partout* para a revolução. Por essa razão, Paulo Freire parou de usar essas expressões, enfatizando o caráter político da educação e sua necessária "reinvenção" em circunstâncias históricas diferentes (BRANDÃO, p. 18, 1981).

Em relação ao processo de alfabetização, a partir de uma pesquisa com 05 participantes, Freire relata que na 21ª hora de alfabetização, um participante era capaz de ler artigos simples de jornal e escrever sentenças curtas. As aulas, particularmente, criavam grande interesse e contribuíam para a motivação dos participantes. Depois de 30 horas (sendo uma hora por dia, durante cinco dias da semana) a experiência foi concluída. Três participantes tinham aprendido a ler e escrever podiam ler textos curtos e jornais e escrever cartas. Dois participantes evadiram-se. Assim nasceu o "Método Paulo Freire de Alfabetização" (BRANDÃO, 1981).

O autor acima ainda destaca que o "método" teve um irresistível sucesso em todo o Brasil. Era possível agora tornar os iletrados, eram cerca de 40 milhões nessa época, alfabetizados e conscientes dos problemas nacionais. Reformistas e revolucionários de esquerda investiram em Freire, e em sua equipe, que logo se encarregou de implementar o Plano Nacional de Alfabetização (1963). Investimentos surgiam de todas as fontes e, dentre elas, destacavam-se o escritório regional da Aliança para o Progresso de Recife, os governos reformistas do Nordeste e o Governo Federal populista de João Goulart. A derrubada do Governo Federal pelas forças militares brasileiras, em março de 1964, interrompeu a grande

experiência. A segunda chance de Freire, em um alto posto administrativo só ocorreria 25 anos depois e colocaria o mesmo dilema para si e seus colaboradores.

Prosseguindo, é válido ressaltar que o Ensino da Geografia passou por várias mudanças e inovações para o presente momento desta disciplina no espaço escolar.

CAPÍTULO II – ABORDAGENS DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA E SUAS MEDIAÇÕES COM O ENSINO DE GEOGRAFIA

A princípio, pode-se dizer que cada época da história tem uma forma própria de geografia e um perfil próprio de geógrafo (MORAES, 2005).

Para Moreira (2011), na Antiguidade, a geografia é um registro cartográfico de povos e territórios. Estado, viajantes e comerciantes requerem do geógrafo as informações de caráter estratégico que os orientem em seus deslocamentos no interior dos modos espaciais de vida de cada povo, de maneira que, a geografia e o geógrafo haja e se exprima através do método e da linguagem, que combinam no mapa os símbolos da cosmogonia e as informações territoriais de cada um dos povos, úteis para os fins da ação prática.

O autor supracitado ainda enfatiza que na Idade Média, a influência da Igreja leva a geografia a ser uma forma de visão que referenda o imaginário bíblico, de um mundo criado por Deus à sua imagem e semelhança. Por isso, a geografia medieval é uma extensão da Bíblia e o geógrafo um cartógrafo do fantástico.

No Renascimento, a geografia é uma forma de cosmologia destinada a ajudar a conceber o mundo como um grande sistema matemático-mecânico. Dessa forma, o geógrafo é transformado num cartógrafo do movimento dos corpos celestes em seus rebatimentos geodésicos sobre a superfície terrestre, referendando uma visão de mundo natural e dessacralizada, conforme frisa Moreira (2011).

Assim sendo, entre o Renascimento e o Iluminismo a geografia se duplica: de um lado volta a ser uma cartografia do fantástico, mas desta vez para o fim de realçar o imaginário de uma Europa racional, em contraste com um mundo de bárbaros que a razão europeia deve conquistar e civilizar; e de outro lado é uma cartografia da precisão, voltada para o fim prático de orientar os naturalistas e navegadores que se lançam à conquista do mundo desconhecido. E o geógrafo é assim um misto de viajante e naturalista, cujo papel é organizar o mundo exótico, de fora, segundo a razão europeia (MOREIRA, 2011).

O autor mencionado acima, ainda frisa que no século XVIII, iluminista, marcado pela revolução industrial e pela ascensão da burguesia à condição de classe dominante, consolida-se a geografia e o perfil do geógrafo. Isso porque é o século que pede uma geografia e um geógrafo que mapeiem o mundo com o rigor matemático da localização e da cubagem dos recursos, que a nova economia decreta como a prioridade das prioridades. E que assim, naturalizem como organização do espaço o arranjo calcado nas leis do mercado, mercado das

matérias-primas (animais e vegetais, minerais e de energia fóssil) e mercado de consumo dos bens industriais, teorizando como leis do espaço as leis de movimento dessa nova e voraz consumidora de territórios e povos que é a indústria moderna.

Prosseguindo, é válido dizer que no século XIX e nas primeiras décadas do século XX – a geografia ganha uma nova duplicação: de um lado surge a geografia da civilização e de outro lado à geografia dos grandes arranjos. A necessidade de melhor conhecer os povos introduz como discurso o estudo da relação do homem com o seu meio como tema central das reflexões e do conhecimento.

Nesse mesmo contexto, a necessidade de melhor organizar o domínio dos territórios introduz o estudo da relação da sociedade com o seu espaço como tema. Nasce assim, a dúplice função de por um lado o geógrafo lidar com o tema das civilizações (junto com o antropólogo) e, por outro com o tema do arranjo racional dos espaços (junto com o economista), em que o geógrafo se distingue dos seus pares pelo foco do seu estudo na consideração do suporte físico (MOREIRA, 2011).

Segundo o autor mencionado anteriormente, o século XX, era da mundialização da indústria e dos territórios planejados e ordenados pela intervenção do Estado, por fim, consagra a geografia como a ciência do espaço e o geógrafo como o especialista de sua organização.

Nos últimos 30 anos do século XX, o mundo tem sido marcado por várias e diversas discussões no tocante ao pensamento filosófico e científico, provocadas pelas mudanças constantes do espaço mundial globalizado, que atingiram também as organizações e a sociedade de modo geral, como destaca Moreira (2011). Desta forma, a Geografia como ciência social, está diretamente implicada nessas transformações.

O autor citado acima, ainda destaca que diante dessas transformações de forma globalizada tanto na sociedade quanto na dinâmica espacial, insere-se o ensino de Geografia. No primeiro momento, essa ciência adotada como disciplina escolar apresenta um caráter ideológico, pois buscava contribuir na formação do cidadão a ideologia do nacionalismo patriótico.

No Brasil, o movimento de renovação do ensino de Geografia faz parte de um conjunto de reflexões mais gerais sobre os fundamentos epistemológicos, ideológicos e políticos da ciência geográfica, iniciado no final da década de 1970. O autor ainda destaca que a Geografia como ciência social, está diretamente implicada nessas transformações.

Já no início dos anos 90 do século XX, o discurso que ficou conhecido com o rótulo de geografia crítica, que postulava uma ciência geográfica de cunho marxista, começou a ser abalado. Tanto quanto em outras áreas do pensamento científico no mundo, cresceram os questionamentos ao chamado socialismo, abrindo brechas na aparente solidez do marxismo. Surgiram outros enfoques de explicação e interpretação da realidade.

Na Geografia, a análise marxista não desapareceu (assim como não desapareceram as chamadas Geografia Tradicional e Quantitativa), mas adquiriu outras nuances. De uma certeza de que o espaço socialmente determinado constituía o cerne da análise geográfica, foram surgindo outras formulações, marxistas e não marxistas, ora elegendo como objeto de estudo o lugar como espaço subjetivo vivenciado pelo sujeito, ora o território como expressão de domínio de grupos de poder, provocando o fortalecimento da análise geopolítica na Geografia, ora o espaço com o poder, entre outros (CAVALCANTI, 2013).

Cavalcanti (2013), diz que a Geografia se defronta assim, com a tarefa de entender o espaço geográfico num contexto bastante complexo. O avanço das técnicas, a maior e mais acelerada circulação de mercadorias, homens e ideias, distanciam os homens do tempo da natureza e provocam um certo “encolhimento” do espaço de relação entre eles.

Na sociedade moderna, baseada em princípios de circulação e racionalidade, há um domínio do tempo e do espaço mecanizados, e que se constitui a base do industrialismo e do capitalismo. O controle do tempo e do espaço liga-se estreitamente ao processo produtivo e à vida social. O tempo, ligado à disciplina e regularidade no trabalho como também ao giro do capital na produção. O espaço, ligado à criação de um mercado mundial e à redução de barreiras para a expansão do sistema produtivo.

O espaço foi perdendo, assim, sua significação absoluta no lugar para ganhá-la na lógica do poder, da expansão capitalista. Da mesma forma, o tempo tomado como linear e progressivo foi sendo substituído por um tempo cíclico e instável, em razão de que seu sentido passou a ser ligado ao próprio processo produtivo. Instalou-se, assim, uma compreensão e uma vivência de espaço e de tempo relativos.

Cavalcanti (2013) acima mencionada, ainda discorre que as reformulações da ciência geográfica levaram então a alterações significativas no campo do ensino de Geografia, mesmo porque, alguns dos pesquisadores mais expressivos circularam nas suas áreas de investigação. Atesta isso os inúmeros trabalhos produzidos, nas últimas décadas, que denunciaram as fragilidades de um ensino com base na Geografia Tradicional e que propuseram o ensino de uma Geografia nova, com base em fundamentos críticos.

Segundo Moreira (2011) o movimento do ensino de Geografia, dentro do movimento mais amplo de renovação, teve, pois, como interlocutoras as “geografias” vigentes no momento, ou seja, a Geografia Tradicional e a Geografia Quantitativa. Fazendo a crítica dessas correntes da Geografia e de suas implicações no ensino, surgiram a crítica destas e de suas implicações no ensino. Surgiram propostas de incorporar as reflexões da concepção dialética no ensino, o que possibilitou a emergência da chamada Geografia Crítica (ou Geografias Críticas, já que são muitas as propostas). Há, no entanto, alguns pontos comuns nessas propostas que vale a pena destacar.

As propostas convergem na crítica sistemática ao ensino de conteúdos estruturados conforme uma corrente da Geografia Tradicional. Essa Geografia caracteriza-se pela estruturação mecânica de fatos, fenômenos e acontecimentos divididos em aspectos físicos, aspectos humanos e aspectos econômicos, de modo que forneça aos alunos uma descrição das áreas estudadas, seja de um país, de uma região ou de um continente (CAVALCANTI, 2013).

Para a autora anteriormente citada, as propostas de reformulação do ensino de Geografia também têm em comum o fato de explicitarem as possibilidades da Geografia e da prática de ensino de cumprirem papéis politicamente voltados aos interesses das classes populares. Nessa perspectiva, os estudiosos alertam para a necessidade de se considerarem o ensino de Geografia. Assim, não se deve pautar pela descrição e enumeração de dados, priorizando apenas aqueles visíveis e observáveis na sua aparência (na maioria das vezes impostos à “memória” dos alunos, sem real interesse por parte destes). Ao contrário, o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições.

Frente ao mencionado anteriormente, pode-se dizer que a inovação no ensino da disciplina de Geografia no país veio acontecer a partir do ano de 1996, após vários estudos e debates sobre esta área do conhecimento humano.

O domínio da ciência geográfica, refletindo na matéria de ensino, bem como de seus métodos próprios é, sem dúvida, condição prévia para seu ensino. Mas cumpre destacar o fato de que nem a ciência é idêntica à matéria de ensino, nem os métodos da ciência idênticos aos métodos de ensino, ainda que guardem entre si uma unidade. Quando se trata de ensinar as bases da ciência, opera-se uma transmutação pedagógico-didática, em que os conteúdos da ciência se transformam em conteúdos de ensino. Há, pois uma autonomia relativa dos objetivos sociopedagógicos e dos métodos de ensino, pelo que a matéria de ensino deve organizar-se de modo que seja didaticamente assimilável pelos alunos, conforme idade, nível de desenvolvimento mental, condições prévias de aprendizagem e condições socioculturais (CAVALCANTI, 2013, p. 35).

A autora ainda narra que, atualmente, os estudos sobre o ensino de Geografia vêm ampliando as reflexões feitas no campo da Pedagogia e da Didática. Se por um lado a transformação na prática de ensino não ocorre em função de nossas reflexões teóricas, com elas, as possibilidades dessa transformação ficam potencializadas desde que sejam, efetivamente reflexões “coladas” aos imperativos da prática.

No intuito de detectar o Ensino da Geografia no espaço escolar, o próximo capítulo enfatiza as duas unidades escolares escolhidas para a apresentação do presente trabalho: Escola Estadual João Alves Batista e Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.

CAPÍTULO III – O PERFIL SÓCIOECONÔMICO DO/A ESTUDANTE DA EJA DO 3º SERIE NA ESCOLA ESTADUAL JOÃO ALVES BATISTA E NO COLÉGIO ESTADUAL ADOLFO BEZERRA DE MENEZES- ARAGUAÍNA-TO.

3.1 HISTÓRICO DAS UNIDADES ESCOLARES JOÃO ALVES BATISTA E ADOLFO BEZERRA DE MENEZES.

A unidade escolar João Alves Batista, está localizada na Rua Ademar Vicente Ferreira, nº 661, Centro, na cidade de Araguaína-TO. Funciona nos períodos matutino, vespertino e noturno. Foi inaugurada em 15 de março de 1973, criada pela Lei nº 8.408/78, autorizada pela Resolução nº 187/79 e reconhecida pela Portaria 8.295 de 21 de dezembro de 2006 do CEE/TO (PPP Escola Estadual João Alves Batista, 2015.).

O prédio (Figura 1) foi construído no ano de 1968, no governo estadual de Otávio Lage de Siqueira. Nos anos de 1971 e 1972, no primeiro piso funcionou como Grupo Escolar “Brigadeiro Haroldo Veloso” e no térreo Grupo Escolar “Bernardo Sayão” (PPP Escola Estadual João Alves Batista, 2015.).

Figura 1 - Escola Estadual Professor João Alves Batista, Araguaína (TO).



Fonte: ALMEIDA, Junho/2016.

A Escola foi construída para comportar cerca de 1.200 alunos. Passaram-se trinta anos sem que houvesse nenhuma reforma geral, e somente em julho de 1998 foi autorizada a reforma geral e ampliação. Em 2002, de acordo com a Lei Estadual nº 1.342 de 13 de

novembro de 2002, a Escola Estadual de Araguaína passou a denominar-se: Escola Estadual Professor João Alves Batista. Nome este, dado em homenagem ao professor João Alves Batista (*in memorian*), que além de ter sido professor nesta escola, foi também Delegado de Ensino da Regional de Araguaína (PPP Escola Estadual João Alves Batista, 2015).

A Escola possui na atualidade, 782 alunos matriculados no ensino regular e na modalidade da EJA, sendo 59 na 1ª fase (2º ao 5º ano), 587 na 2ª fase (6º ao 9º ano) do ensino fundamental e 120 na EJA, no III segmento, distribuídos nos três turnos que a unidade escolar oferece (PPP Escola Estadual João Alves Batista, 2015).

O corpo docente é composto por 30 professores, em que 100% (cem por cento) possuem graduação nas áreas de: Letras, Matemática, História, Pedagogia, Normal Superior, Educação Física, Geografia, entre outros. (PPP Escola Estadual João Alves Batista, 2015).

A Escola Estadual Professor João Alves Batista é uma Unidade de Ensino de Gestão Compartilhada e que possui uma Associação de Apoio atuante composta por membros do Colegiado e da Comunidade. Possui também, o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD; Programa Estadual de Alimentação Escolar – PNAE; Plano de Desenvolvimento da Escola; PDDE Interativo e Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE; Programa mais Educação; Atleta na Escola; TV na Escola – Um salto para o futuro. Além destes programas a Escola também mantém parceria com os voluntários das instituições de ensino, tais como: ITPAC, UFT, Lions, Hermanuello, NASF, dentre outras. (PPP Escola Estadual João Alves Batista, 2015).

A Escola desenvolveu seu trabalho durante algum tempo pautado no tradicionalismo, onde adotava a linha tradicional, pois acreditava que a formação de um aluno/a crítico e criativo, depende justamente da bagagem de informação adquirida e do domínio dos conhecimentos consolidados. Nas últimas décadas, provou-se que não mais se constrói o ensino nesses moldes, sendo assim, na linha pedagógica temos muito do construtivismo – que propõe que o/a aluno/a é o principal ator/atriz na arte de ensinar. È construído um ambiente de aprendizagem que favoreça a ação, a criação e a reação de forma coletiva e individual, além de proporcionar uma aprendizagem significativa (PPP Escola Estadual João Alves Batista, 2015).

Com relação à proposta curricular contextualizada, a Unidade Escolar em questão organiza-se no início do ano letivo por intermédio da formação continuada dos professores, que se reúnem para analisar os conteúdos que os alunos aprenderam, buscando ainda perceber as dificuldades futuras. No ano anterior, sempre contextualizam com o Referencial Curricular,

as matrizes e habilidades e o livro didático para coletivamente elaborar o planejamento anual, utilizando todos os recursos pedagógicos existentes na escola, visando um processo de ensino e aprendizagem de qualidade, favorecendo o crescimento social e intelectual da sua clientela escolar (PPP Escola Estadual João Alves Batista, 2015).

A segunda unidade escolar escolhida para o presente estudo foi o Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, o mesmo encontra-se na Rua Gonçalves Ledo, s/nº, bairro São João, Araguaína -TO. Esta por sua vez, oferece a EJA, no 3º segmento desta modalidade de ensino.

Figura 2 - Colégio Adolfo Bezerra de Menezes, Araguaína (TO).



Fonte: colegioadolfo.blogspot.com, Maio/2016.

O Colégio Adolfo Bezerra de Menezes foi criado pela sociedade araguainense devido à necessidade de Alfabetização de crianças de áreas periféricas deste município que não tinham acesso à escola. Assim, a sua clientela morava no denominado Bairro das Areias, hoje Bairro São João, que crescia devido o processo de invasão.

A princípio, existiam três educandários, um que funcionava na residência da Senhora Maria da Conceição da Silva Carneiro uma escola que se denominava de Escola Nossa Senhora da Conceição, outro que funcionava no Centro Espírito Dr. Adolfo Bezerra de Menezes e, por último, a escola “Polichinelo” que funcionava num barracão de Palha, em terreno da prefeitura.

Desta maneira, o aumento do número de crianças que necessitavam de alfabetização, fez com que as três escolas citadas se unificassem em 1979 para um atendimento de maior qualidade (PPP Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, 2015). O crescente número de

alunos exigiu a ampliação da escola e, através da doação de materiais pela prefeitura municipal de Araguaína –TO, permitiu que os pais, juntamente com alguns líderes de Bairros se reunissem em sistema de mutirão para a construção adequada de duas salas de aulas, uma cantina e uma sala de secretaria. Tudo isso gerou uma melhor estruturação da escola. Estava dado, portanto, um grande passo ao prédio que se tornaria uma escola acolhedora.

Embora sem lei de criação, a Prefeitura Municipal assumiu no primeiro mandato do prefeito João de Sousa Lima a responsabilidade de administrar a escola, inclusive à remuneração dos funcionários. Oportunamente, procedeu-se à denominação da escola de Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, em homenagem ao cientista Dr. Adolfo Bezerra de Menezes (PPP Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, 2015).

Após a municipalização e, em razão do Bairro das Areias ficar cada vez mais populoso houve a necessidade da escola ampliar suas instalações, sendo construídas seis (06) salas de aula, ampliação da secretaria e da cantina, em que todos os funcionários passaram a ser público-municipal, e o processo pedagógico orientado pelo Programa Monhanguara, que dava além de todos os materiais pedagógicos, orientação aos professores no processo ensino-aprendizagem, tais como: cursos, planejamento e realização de oficinas pedagógicas, como narra o PPP do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes (2015).

No decorrer do tempo, o Bairro das Areias passou à denominação de Bairro São João e, ao seu redor surgiram outros bairros, a saber: Setor Raizal, Araguaína Sul, Imaculada Conceição, Tereza Hilário Ribeiro, Conjunto Patrocínio, Setor Coimbra.

O PPP do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes (2015), ressalta que com o aumento da população ocorreu à procura por vagas, dado que nesta região não havia nenhuma escola ofertante do Ensino Médio, impossibilitando os jovens de concretizarem seus estudos, pois tinham que trabalhar e só podiam frequentar os estudos no horário noturno, mas tal modalidade só havia em escolas distantes do Bairro São João e, em pouca quantidade de vagas.

Em razão da necessidade de um colégio que ofertasse, nesta região, o Ensino Fundamental e Médio, a comunidade se mobilizou e reivindicou na Delegacia Regional de Ensino de Araguaína, em forma de protesto, a autorização de oferta do Ensino Médio no colégio. Com isso, foram tomadas as providências para a celebração de Convênio que atendesse a solicitação da comunidade (PPP Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, 2015).

O documento acima ainda frisa que no mês de fevereiro de 1992, a Escola Municipal Dr. Adolfo Bezerra de Menezes fez convênio com o Estado do Tocantins, passando a ser administrada pela Secretaria de Educação e Cultura - SEDUC, a qual passou da denominação de Escola Municipal Dr. Adolfo Bezerra de Menezes para Escola Municipal Adolfo Bezerra de Menezes - Conveniada, até o ano de 1994, quando a mesma passou a ser chamado de Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.

O Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, iniciou o seu trabalho com a modalidade de ensino EJA no ano de 2012, e nos dias atuais possui três turmas, todas do 3º segmento e funcionam somente no período noturno. As mesmas encontram-se divididas da seguinte maneira: na turma A foram matriculados 33 alunos, na B 25 alunos, na C 39 alunos, sendo que a somatória desses alunos que estão divididos em três turmas, com a modalidade de ensino EJA é de 107 alunos, matriculados no 1º semestre letivo do ano de 2015. Além destes, a escola possuía em 2015, 437 alunos que estudam o ensino médio na modalidade de ensino regular, 598 alunos matriculados no Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano, totalizando uma quanto a de 1.142 alunos matriculados (PPP Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, 2015).

3.2 ANÁLISE DOS DADOS DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ESTUDANTES DAS UNIDADES ESCOLARES ESCOLA ESTADUAL JOÃO ALVES BATISTA E COLÉGIO ESTADUAL ADOLFO BEZERRA DE MENEZES

Assim, para a realização deste, foram feitas pesquisas e estudos e, ainda entrevistas com 85 alunos sobre as condições socioeconômicas e o ensino da Geografia (sendo 35 alunos da Escola Estadual João Alves Batista e 50 alunos do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes), visando uma melhor compreensão da Educação de Jovens e Adultos no âmbito escolar.

Mediante ao exposto acima, é válido observar o perfil socioeconômico do estudante da EJA do 3º Série do III segmento nas unidades escolares: Escola Estadual João Alves Batista e Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.

Para a realização da presente pesquisa, buscou-se analisar o perfil socioeconômico dos estudantes da EJA da 3ª série do III Segmento em turmas “A” e “B” desta modalidade de ensino e, ainda como se encontra o ensino da Geografia nas turmas em questão.

Os questionários de entrevista foram aplicados aos estudantes no período noturno da Escola Estadual João Alves Batista e do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, visando mostrar o perfil socioeconômico da clientela da EJA e também ver como está o ensino da Geografia nestas unidades escolares. Abaixo gráficos das escolas em estudo. Para o momento, os gráficos da Escola Estadual João Alves Batista.

3.2.1 Escola Estadual João Alves Batista.

Em relação ao perfil etário observa-se no gráfico 1, o seguinte:

Gráfico 1 - Faixa Etária dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.



Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

O gráfico 1 demonstra que a maior demanda é representada pela faixa etária entre os 18 e 28 anos na série pesquisada, representando 82,8%. E, que a faixa etária de 28 a 38 anos, mostra 11,4% e que de 38 a 48 anos, apresenta o menor percentual, 5,8%.

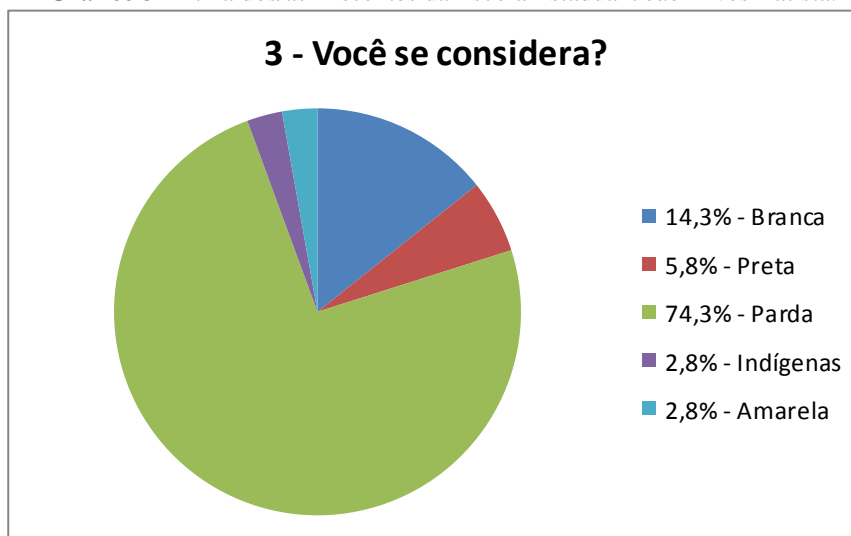
No que diz respeito ao sexo observa-se no gráfico 2, que:

Gráfico 2 - Sexo dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista

Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

De acordo com o gráfico 2 a demanda é em maior parte no sexo masculino. Apresenta a porcentagem de 54,2%. Já o sexo feminino tem a demanda de 45,8%, fugindo da grande maioria das salas de aulas em que predominância é o sexo feminino.

No que se concerne à etnia/cor o gráfico 3 demonstra que:

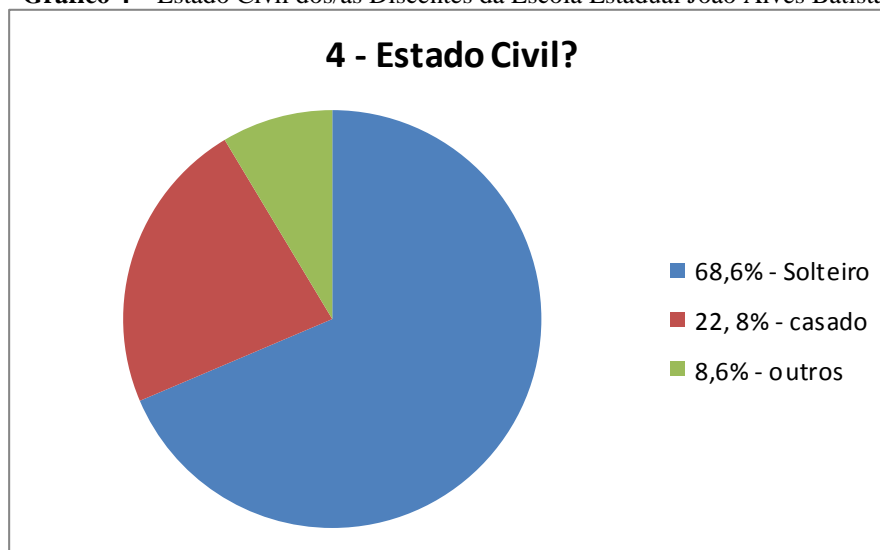
Gráfico 3 - Etnia dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.

Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

No gráfico 3 os ingressantes em sua maioria se considera de etnia/cor parda, com 74,3%. Logo em segunda, com 14,3%, têm as pessoas consideradas brancas. Com 5,8%, os discentes se consideram pretas, e com o mesmo percentual, 2,8% estão às pessoas indígena e amarela.

No que refere ao estado civil dos/as estudantes observa-se no gráfico 4, que:

Gráfico 4 – Estado Civil dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.

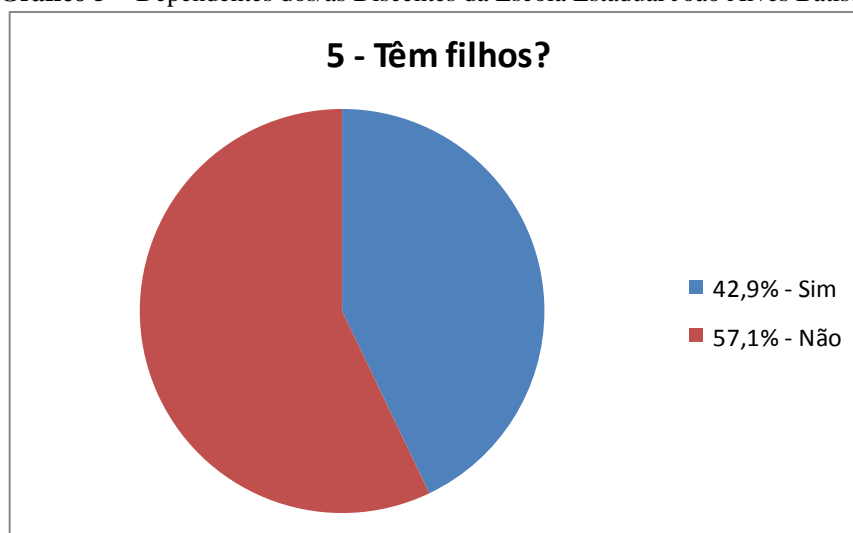


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

De acordo com o gráfico 4 mostra que a maioria dos solteiros equivalentes a 68,6%, já com 22,8% estão os casados, e em menor quantidade estão os outros (união estável, divorciados, etc.), com 8,6%.

Já no que se reporta a ter filhos/as, o gráfico 5 aponta que:

Gráfico 5 - Dependentes dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista

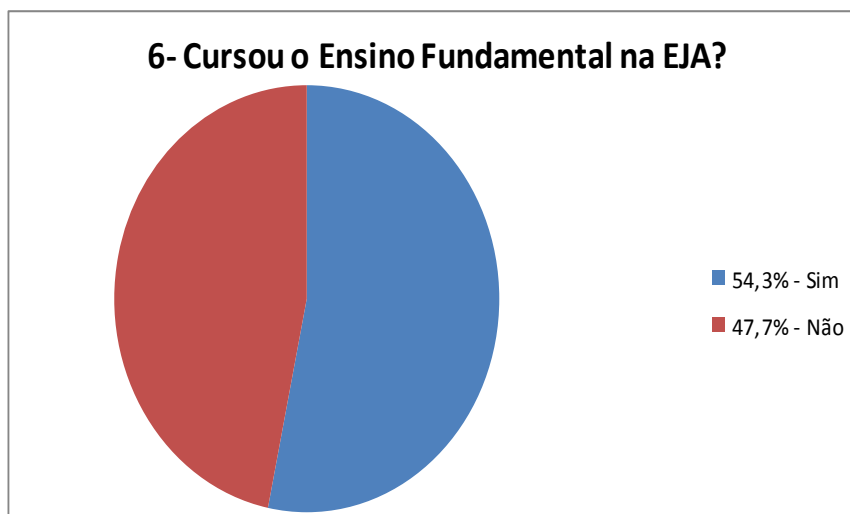


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

O gráfico 5 enfatiza que 57,1% não tem filhos no 3º ano do EJA, já 42,9% sim, tem filhos. Vale ressaltar que a grande maioria dos que tem filho, é somente um (1) filho.

No que refere a ter cursado ensino fundamental na EJA, verifica-se no gráfico 6, que:

Gráfico 6 - Conclusão do Ensino Fundamental dos/as Discentes da Escola Est. João Alves Batista.

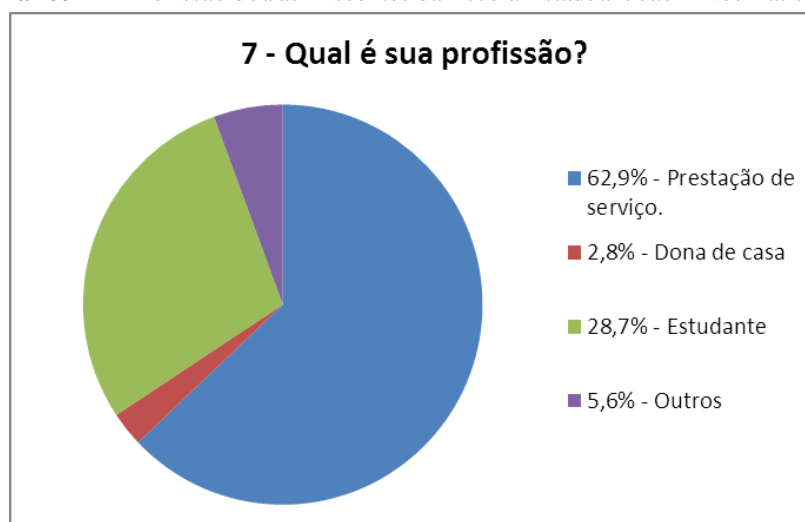


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

O gráfico 6 acima afirma que 54,3% dos/as estudantes cursaram Ensino Fundamental também no EJA. Conseqüentemente, com 45,7% cursaram Ensino Fundamental em ensino regular.

No que se refere à profissão dos/as discentes observa-se que:

Gráfico 7 - Profissão dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.

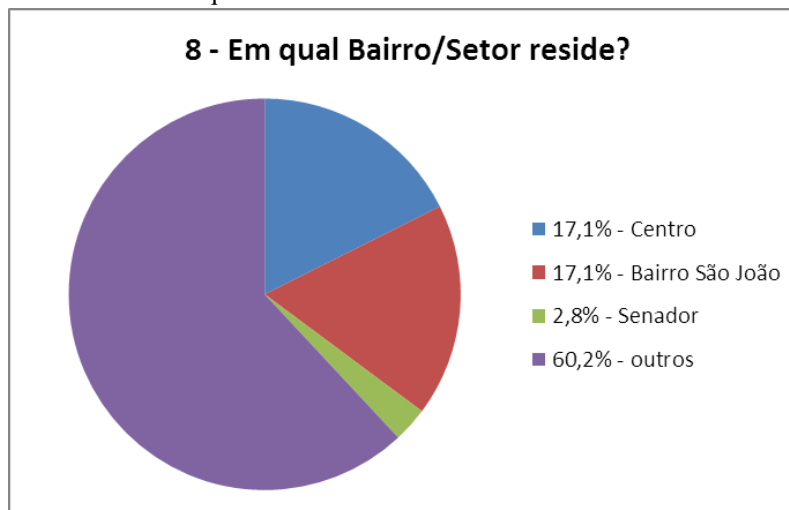


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

O gráfico 7 acima ressalta que a grande maioria presta serviço à sociedade, como, cabelereiro (a), mecânico, vendedor (a) eletricitista, dentre outras, logo em seguida são as pessoas que somente estuda, com 28,7%, com 5,6% são outros como, autônomos, locutor radialistas, etc. e por final com 2,8% estão as donas de casa.

No que concerne ao local de residência dos/as estudantes verifica-se no gráfico 8, que:

Gráfico 8 - Bairro/Setor em que residem os/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.



Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

O gráfico 8, segundo os dados analisados nota-se que a maioria dos/as discentes moram no Bairro Centro e no Bairro São João com 17,1%, em seguida com 2,8% residem no Bairro Senador. A outra parte da turma reside em diferentes partes da cidade, desde bairros, como: Jardim Paulista, Bairro Neblina, Vila Azul, Setor Patrocínio, Jardim Santa Helena, Setor Noroeste, e outros mais.

No que se reporta ao tipo de transporte utilizado pelos/as estudantes para ir à escola identifica-se no gráfico 9, que:

Gráfico 9 - Condução utilizada pelos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.

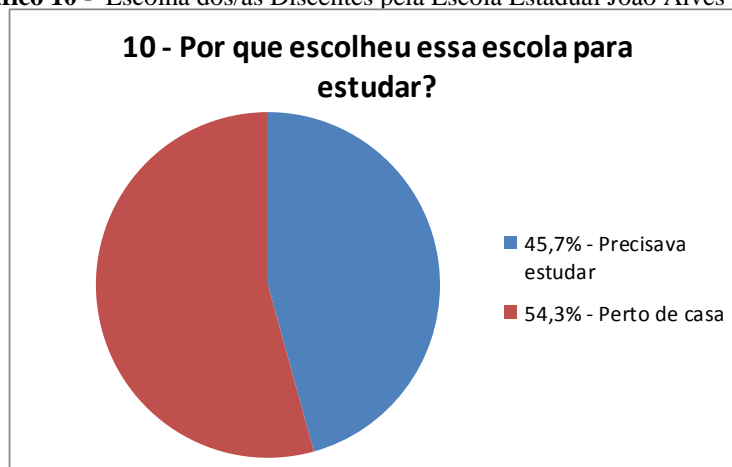


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

O gráfico 9 apresenta com 60% dos/as discentes vão de moto para a escola, em que 17,2% com carro e a pé, e esse segundo sua grande maioria por morar próximo a escola, os com 5,6%, os outros, são de ônibus ou bicicleta.

O gráfico 10 os motivos da escolha da escola, a saber:

Gráfico 10 - Escolha dos/as Discentes pela Escola Estadual João Alves Batista.

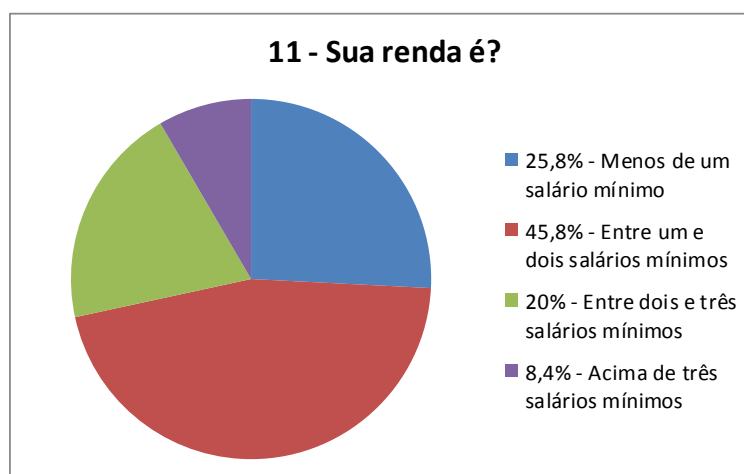


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

No gráfico 10, acima observou-se que a escolha pela escola, apresenta somente duas opções, onde a maioria, com 54,3% escolheram por morar perto da escola, conseqüentemente, a outra porcentagem, 45,7% resolveu estudar nessa escola, por não ter outras opções de escola ou colégio com EJA, e ter vagas na mesma.

A renda dos/as estudantes da Escola Estadual João Alves Batista, apresenta-se no gráfico 11, da seguinte forma:

Gráfico 11 - Renda dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista



Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

A análise do gráfico 11 nos mostra que a maioria dos/as Estudantes com 45,8% estão com faixa de um a dois salários mínimos, logo em seguida, com somente um salário mínimo,

25,8%, com 20% estão os alunos que tem de dois a três salários mínimos, e por final, com 8,4% acima de três salários mínimos.

O gráfico 12 refere-se à outra fonte de renda, a saber:

Gráfico 12 - Outras fontes de renda dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.

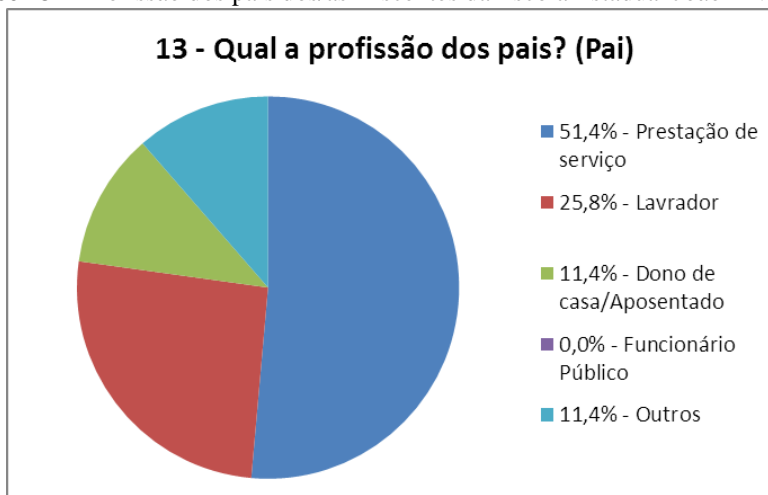


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

O gráfico acima diz que 91,6% dos/as estudantes não possuem outra fonte de renda. Já com 8,4% que sim, por exemplo, com bolsa família, ou revendedora de algumas marcas, ou roupas.

No que se refere à profissão do pai, o gráfico 13, revela que:

Gráfico 13 - Profissão dos pais dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.



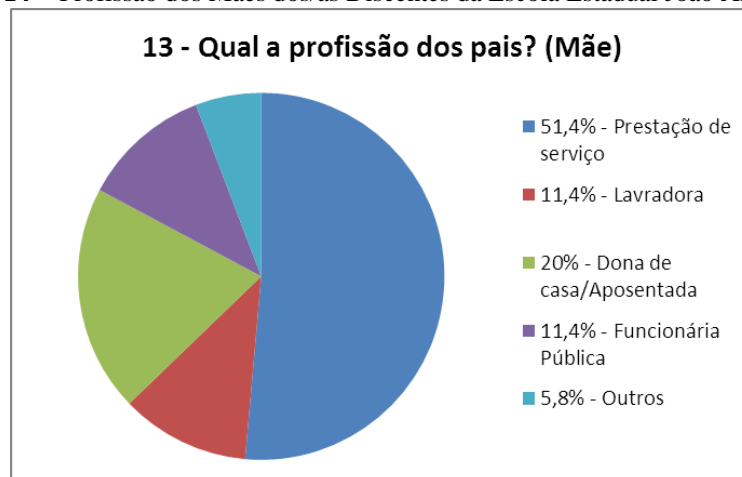
Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

No gráfico 13, foi possível observar que as profissões exercidas pelos pais são bastante variadas. Sendo que 51,4% trabalham na prestação de serviço (inclui motorista, mecânico,

eletricista, vendedor), 25,8% são lavradores, 11,4% são donos de casa ou aposentados, 11,4% exercem outras profissões e nenhum exerce a profissão de funcionário público.

Já em relação à profissão da mãe, o gráfico 14, informa o seguinte:

Gráfico 14 - Profissão dos Mães dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.

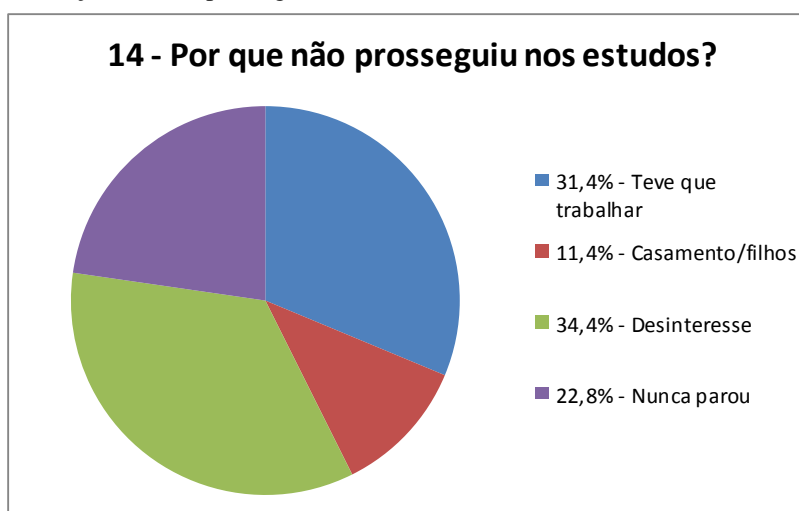


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

No tocante as profissões exercidas pelas mães, percebeu-se que a maioria delas trabalham na prestação de serviço (que inclui vendedora, costureira, merendeira, manicure, cabeleira, etc.), 11,4% são lavradoras, 20% são donas de casa ou aposentadas, 11,4% são funcionárias públicas e 5,8% realizam outras atividades trabalhistas.

Em relação à interrupção dos estudos, o gráfico 15, aponta o seguinte:

Gráfico 15 - Motivações de não prosseguir nos estudos dos/as Discentes da Escola Est. João Alves Batista.

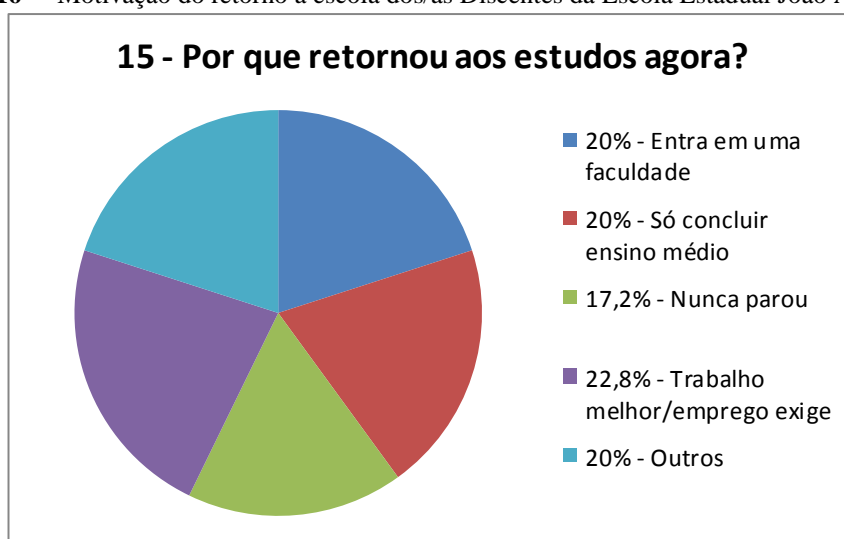


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

O gráfico 15 mostra que parte dos/as discentes com 31,4% não prosseguiu nos estudos por ter que trabalhar muito cedo, e tendo que priorizar isso, com 11,4% tiveram filhos, ou casaram cedo, e largar os estudos foi uma faz poucas opções que tinha para cuidar da casa, 34,4% não continuou a estudar por desinteresse, ou motivos pessoais, e com 22,8% nunca pararam de estudar, mas resolveram fazer EJA por ser um processo mais rápido de concluir os estudos.

No que se refere ao retorno aos estudos, o gráfico 16, apresenta que:

Gráfico 16 - Motivação do retorno a escola dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista

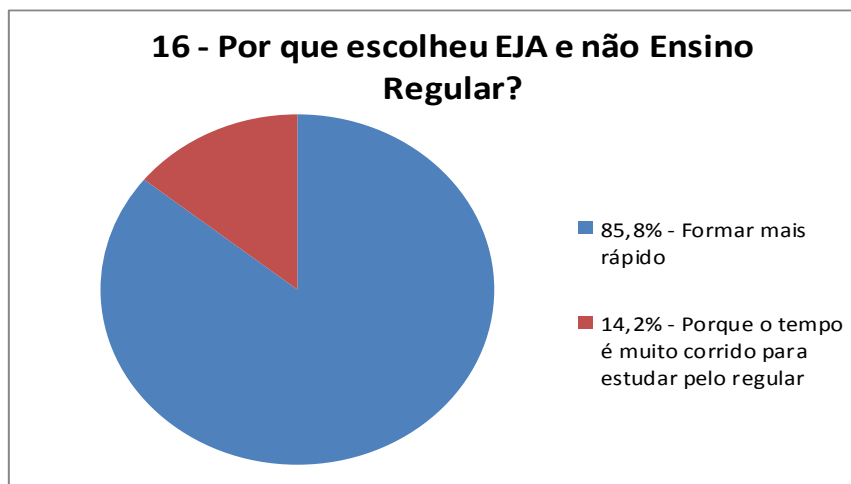


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

O gráfico 16, ressalta que 20% dos/as discentes retornaram ao estudo por querer entrar em uma faculdade, e somente concluir o ensino médio. 17,2% nunca pararam de estudar. 22,8% dos entrevistados resolveram voltar porque gostariam de um emprego melhor, e para isso precisa da conclusão do ensino médio, ou porque o emprego que agora exige o mesmo. Por final, 20% dos/as estudantes são por outros motivos, como por da um bom exemplo para os filhos, ou por dá uma melhor vida aos mesmos.

No que concerne, a escolha da EJA para concluir o ensino médio, verifica-se que:

Gráfico 17 - Motivo da escolha pelo EJA dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.

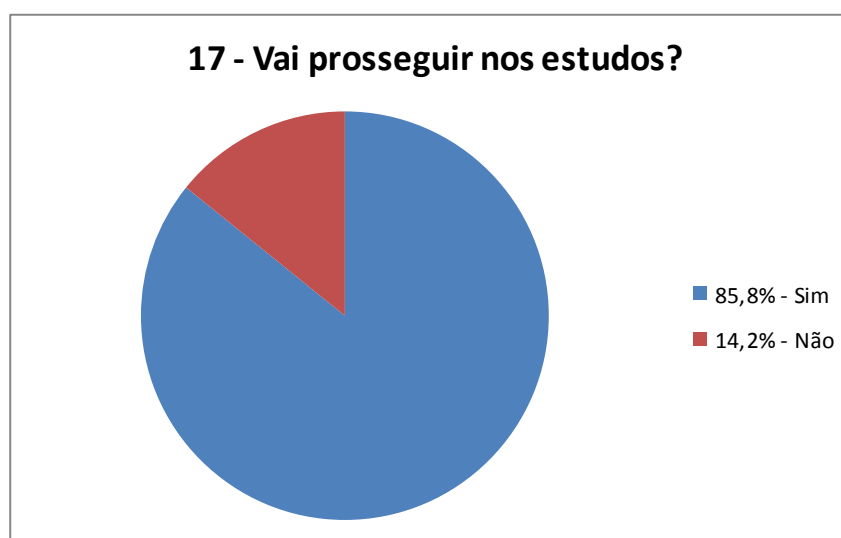


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

O gráfico 17 apresenta que com 85,8% dos/as discentes resolveram estudar pela EJA por ser uma forma mais rápida para se formar, concluir o ensino médio. E com 14,2% porque o tempo está muito corrido para estudar pelo regular, seja por ter filhos, ou por trabalho, ou mesmo por querer realizar o ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio Regular), e o tempo é mais curto na EJA para que haja tempo assim, de se preparar melhor para o mesmo.

Em relação se irá prosseguir nos estudos, o gráfico 18, revela que:

Gráfico 18 - Interesse em seguir nos estudos dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.

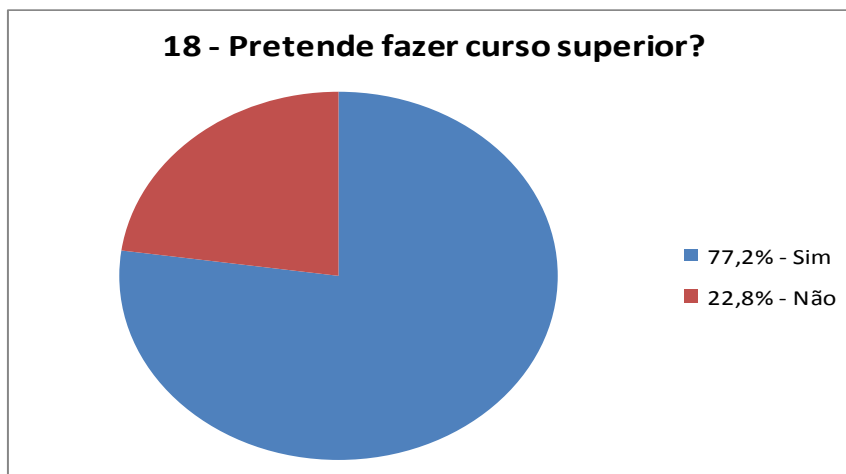


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

Como o gráfico 18 acima pode se comprovar que 85,8% dos entrevistados deseja prosseguir nos estudos, sendo por cursar uma faculdade, ou por um curso técnico. E com 14,2% dos mesmos, não gostariam de prosseguir nos estudos, em que sua maioria, por motivos pessoais, ou por não querer no momento, mas que pensa no caso.

No que concerne a pretensões de cursar o ensino superior, o gráfico 19, apresenta que:

Gráfico 19 - Interesse em cursar o nível superior dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista.

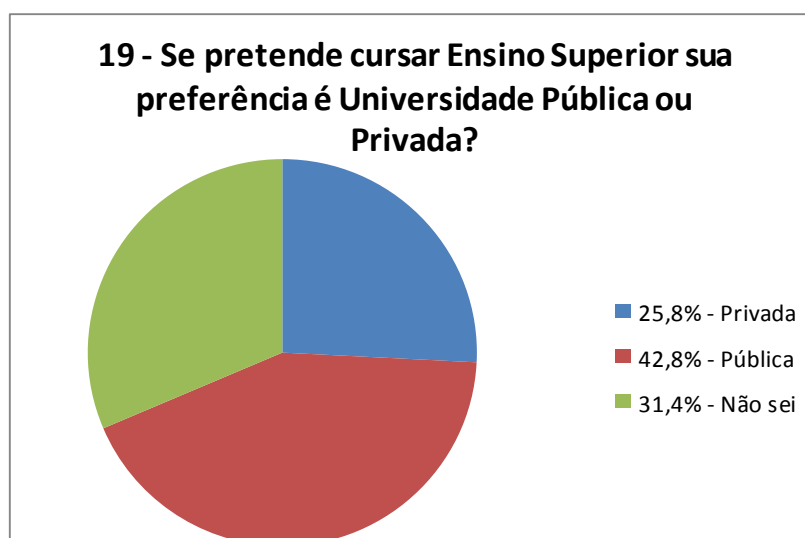


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

O gráfico 19 informa com 77,2% que os/as discentes pretendem cursar nível superior, mas que com 22,8% não gostariam, pelos mesmos motivos do gráfico anterior.

No que reporta a preferência em estudar em universidade pública ou privada o gráfico 20, aponta que:

Gráfico 20 - Preferência de Universidade dos/as Discentes da Escola Estadual João Alves Batista



Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

Com o gráfico 20, pode-se ver que com 42,8% dos/as discentes preferem universidade pública para cursar nível superior, na sua maioria por motivos financeiros, com 31,4% os entrevistados ainda não sabem qual universidade, ou também por não ser uma opção para eles, mas por ser qualquer uma das instituições que conseguirem entrar. E por fim, com 25,8% preferem privada por motivos diversos, mas que na sua boa parte, por uma não preferencia da universidade publica, pois tem muitas greves, que atrasam a sua formação no nível superior.

3.2.2 Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.

Prosseguindo, é interessante ver o que apresentam os gráficos sobre o perfil socioeconômico dos educandos que frequentam a 3ª série da EJA no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.

Em relação ao perfil etário. Observa no gráfico 1, o seguinte:

Gráfico 21 - Faixa Etária dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.

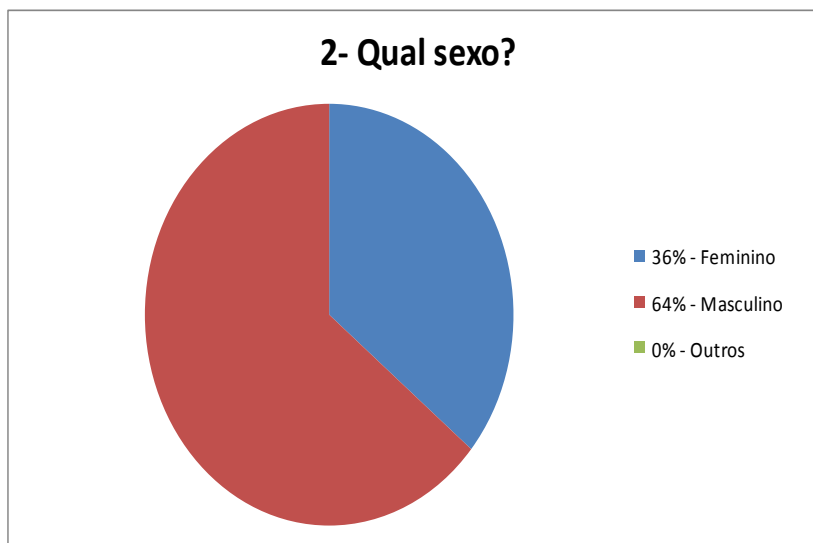


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

No gráfico 21, os resultados evidenciam que 72% dos/as discentes pertence à faixa etária que varia de 18 a 28 anos, 24% na faixa etária de 28 a 38 e 4% apresenta idade entre 38 e 48 anos.

No que concerne ao sexo observa-se no gráfico 22 que:

Gráfico 22 - Sexo dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.



Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

Conforme os resultados evidenciados no gráfico 22, podemos observar que 64% discentes são do sexo masculino, em relação a 36% do sexo feminino.

No que se refere à etnia/cor o gráfico 23, demonstra que:

Gráfico 23 - Etnia dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.

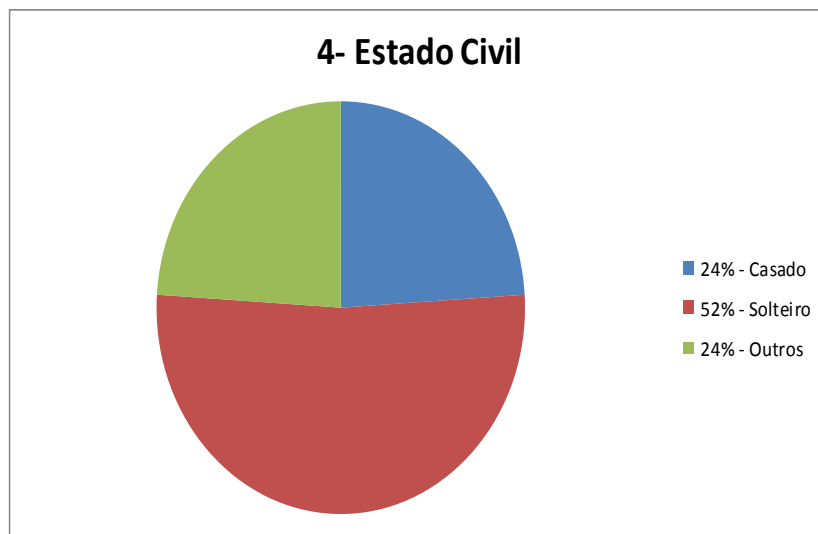


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

O gráfico 23, demonstra que 58% são pardos, 22% pretos, 18% brancos e 2% indígenas.

No que diz respeito ao estado civil dos/as estudantes observa-se no gráfico 24, que:

Gráfico 24 – Estado Civil dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.

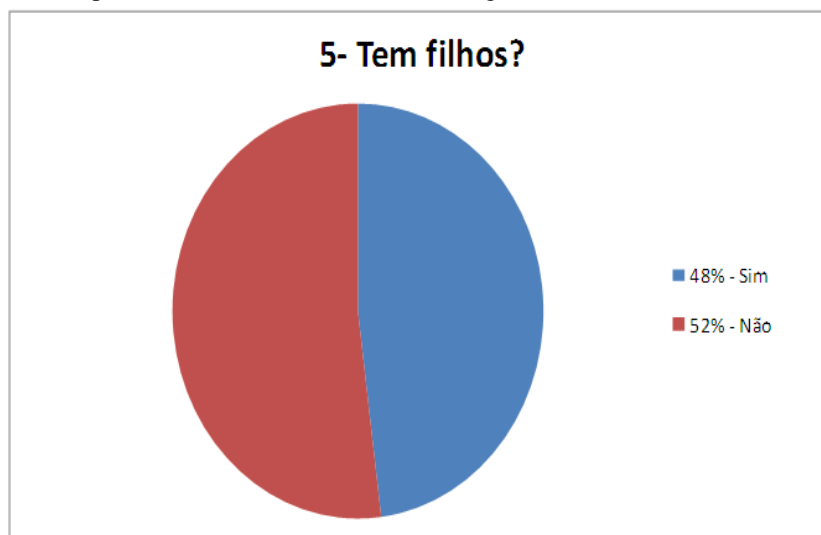


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

Pelos resultados do gráfico 24, vimos que 52% dos/as Estudantes são solteiros, 24%, casados e 24% disseram que vivem em união estável ou divorciados.

Já no que reporta a ter filhos/as o gráfico 25, aponta que:

Gráfico 25 - Dependentes dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.

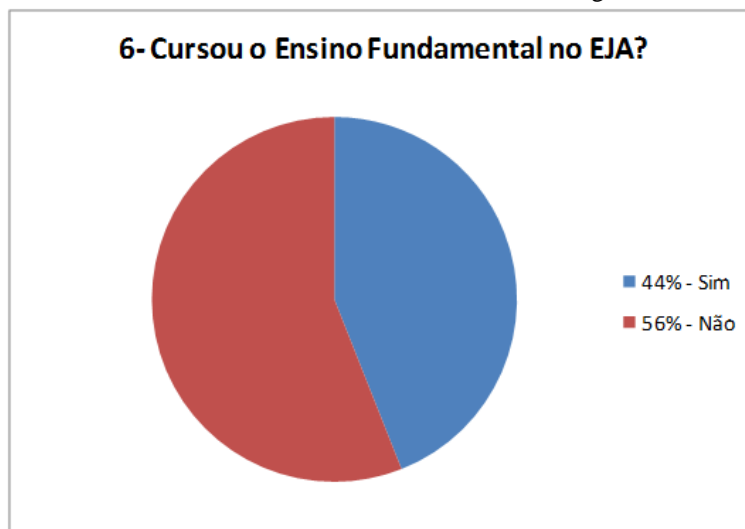


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

Ao analisar o gráfico 25, verificamos que 52% dos/as discentes não têm filhos e 48% têm filhos.

No que refere a ter cursando o ensino fundamental na EJA, verifica-se no gráfico 26, que:

Gráfico 26 - Conclusão do Ensino Fundamental dos/as Estudantes do Colégio Est. Adolfo Bezerra de Menezes.

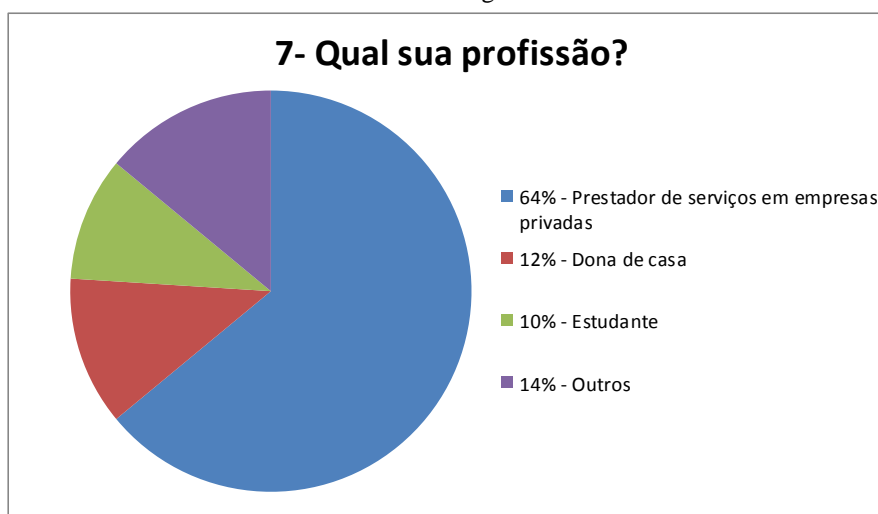


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

Ao observar o gráfico 26, observou que 56% dos/as estudantes cursaram o Ensino Fundamental frequentando a escola regularmente e 44% por intermédio da EJA (Educação de Jovens e Adultos).

No que se refere à profissão dos/as estudantes, observa-se que:

Gráfico 27 - Profissão dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.

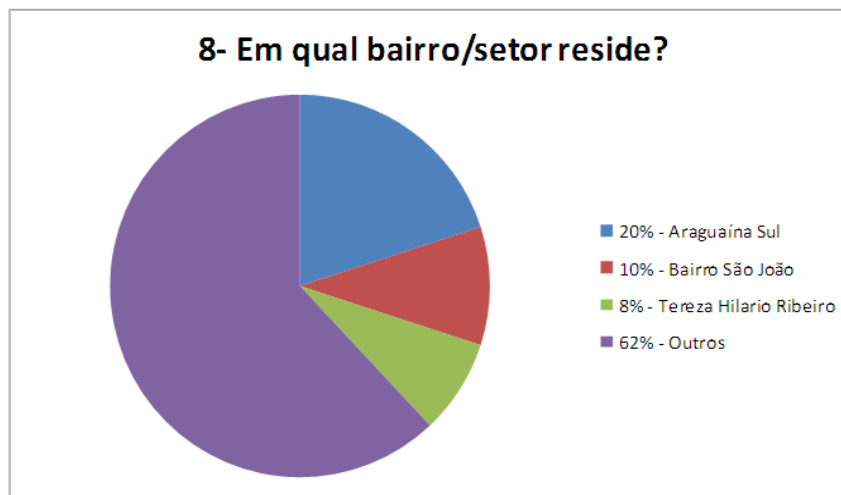


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

No gráfico 27, foi possível ver que 64% trabalha em serviço a sociedade (como, cabelereiro (a), mecânico, vendedor (a) eletricitista), dentre outras na empresa privada, 12% são donas de casa, 10% são estudantes e 14% realizam outras atividades trabalhistas.

No que concerne ao local de residência dos/as discentes verifica-se no gráfico 28, que:

Gráfico 28 - Bairro/Setor em que residem os/as Discentes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.

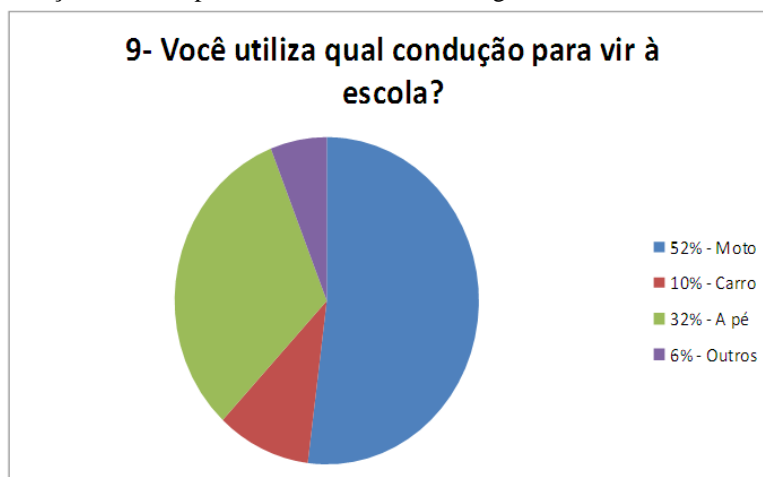


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

No tocante ao bairro que reside, observa-se que o gráfico 28 demonstra que 20% moram no bairro Araguaína Sul, 10% moram no bairro São João, 8% residem no bairro Tereza Hilário Ribeiro e a grande maioria, 62% residem em bairros distintos, tais como: Universitário, Noroeste, Raizal, Jardim das Flores, Senador dentre outros.

No que se reporta ao tipo de transporte utilizado pelos/as estudantes para ir à escola identifica-se no gráfico 29, que:

Gráfico 29 - Condução utilizada pelos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.



Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

O gráfico 29 mostra que 52% usam a condução moto para vir à escola, 32% veem a pé, 10% usam carro e 6% outros meios de locomoção.

O gráfico 30 demonstra os motivos da escolha da escola, a saber:

Gráfico 30 - Escolha dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes

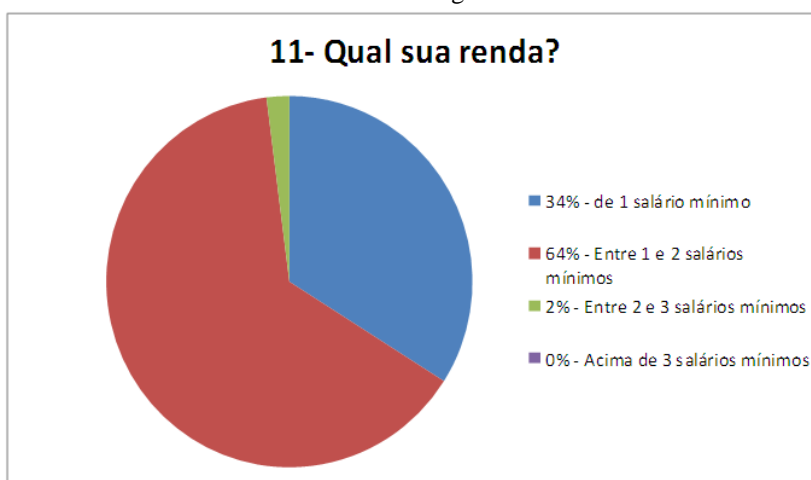


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

O gráfico 30, demonstra que 70% devido o motivo da mesma está perto de casa e 30% só porque precisavam estudar.

A renda dos/as estudantes do Colégio Estadual Adolfo de Bezerra Menezes, apresenta-se no gráfico 31, da seguinte forma.

Gráfico 31 - Renda dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.

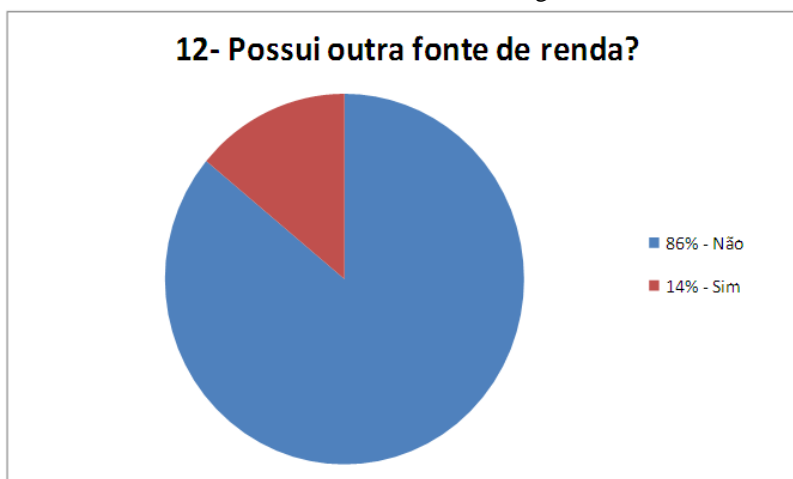


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

O gráfico 31, narra que 64% ganham entre 1 e 2 salários mínimos, 34% ganham até 1 salário mínimo e 2% ganham entre 2 e 3 salários mínimos e, enfatizaram que nenhum estudante ganha acima de 3 salários mínimos.

O gráfico 32 refere-se à outra fonte de renda, a saber:

Gráfico 32 - Outras fontes de renda dos/as estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.

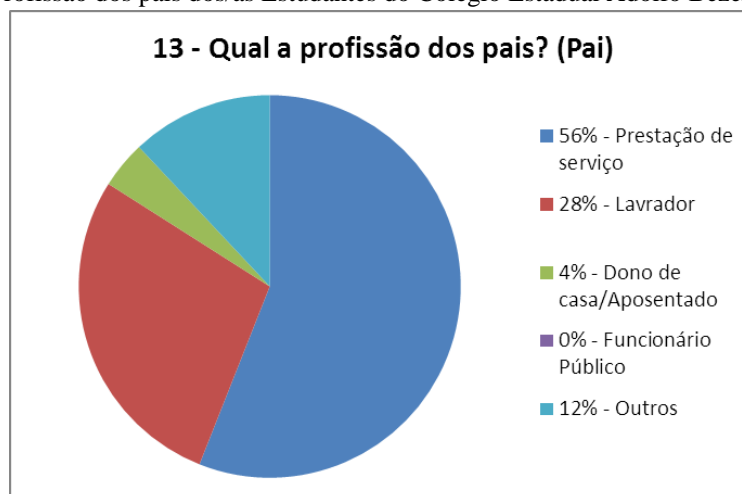


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

No gráfico 32, observou-se que 86% não possuem outra fonte de renda e 14% afirmaram que possuem outra fonte de renda.

No que se refere à profissão do pai, o gráfico 33, revela que:

Gráfico 33 - Profissão dos pais dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.



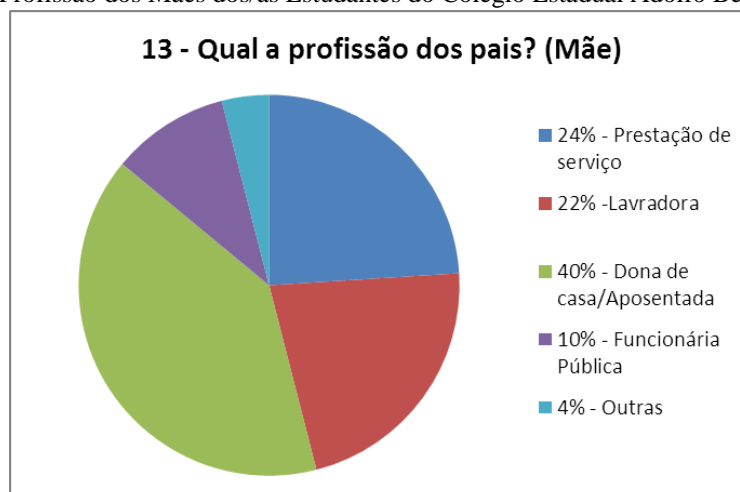
Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

No gráfico acima, observou-se que as profissões exercidas pelos pais dos/as Estudantes (EJA) do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, estão representadas da

seguinte forma: 56% são prestadores de serviço (inclui motorista, mecânico, eletricitista, vendedor), 28% são lavradores, 4% são donos de casa ou aposentados e 12% realizam outras atividades.

Já em relação à profissão da mãe o gráfico 34, informa o seguinte:

Gráfico 34 - Profissão dos Mães dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.



Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

No gráfico 34 os resultados evidenciam que as profissões exercidas pelas mães dos/as estudantes, estão distribuídas assim: 40% são donas de casa ou aposentadas, 24% são prestadoras de serviço (que inclui vendedora, costureira, merendeira, manicure, cabeleira, etc.), 22% são lavradores, 10% são funcionárias públicas e 4% realizam outras atividades trabalhistas.

Em relação à interrupção dos estudos, o gráfico 35, aponta que:

Gráfico 35 - Motivações de não prosseguir nos estudos dos/as Discentes do Colégio Est. Adolfo B. de Menezes.

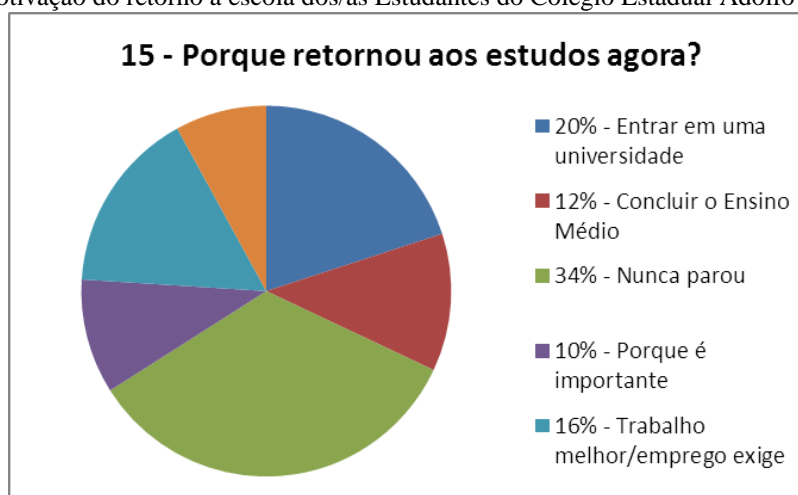


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

Pelos resultados do gráfico 35, vimos que 34% dos/as estudantes nunca pararam de estudar, 32% tiveram que trabalhar, 22% devido terem se casados e o nascimento de filhos, e, 12% por desinteresse.

No que se refere ao retorno aos estudos, o gráfico 36, apresenta que:

Gráfico 36 - Motivação do retorno a escola dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.

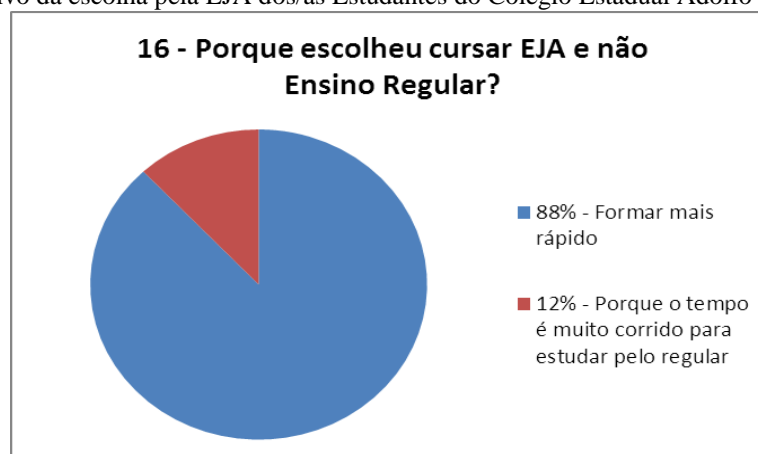


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

Ao analisar o gráfico 36, verificamos que 34% dos/as estudantes entrevistados nunca pararam de estudar, 20% dos/as estudantes entraram em uma universidade, 16% retornaram aos estudos devido à exigência do trabalho, 12% conseguiram concluir o Ensino Médio e 10% não acham os estudos importantes.

No que concerne, a escolha da EJA, para concluir o Ensino Regular, verificar-se no gráfico 37, que:

Gráfico 37 - Motivo da escolha pela EJA dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.

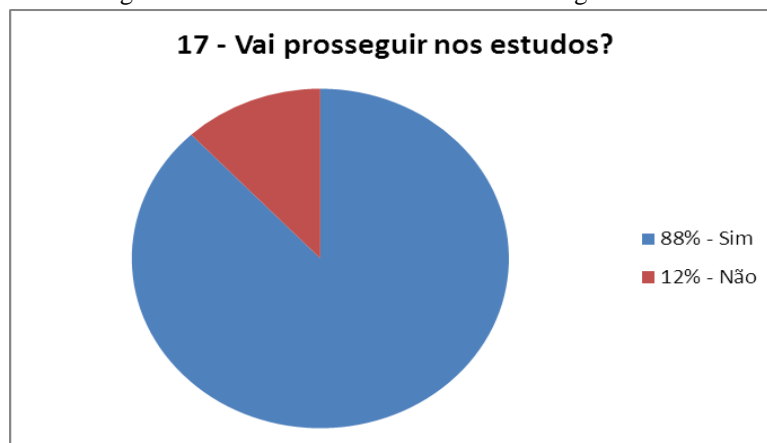


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

Os resultados demonstrados no gráfico 37, evidência que 88% dos/as estudantes escolheram a EJA e não o Ensino Regular devido o término de estudo ser mais rápido e 12% argumentaram que o tempo é muito corrido para estudar o Ensino Regular, assim, optaram pela Educação de Jovens e Adultos.

Em relação se irá prosseguir nos estudos, o gráfico 38, revela que:

Gráfico 38 - Interesse em seguir nos estudos dos/as estudantes do Colégio Est. Adolfo Bezerra de Menezes.

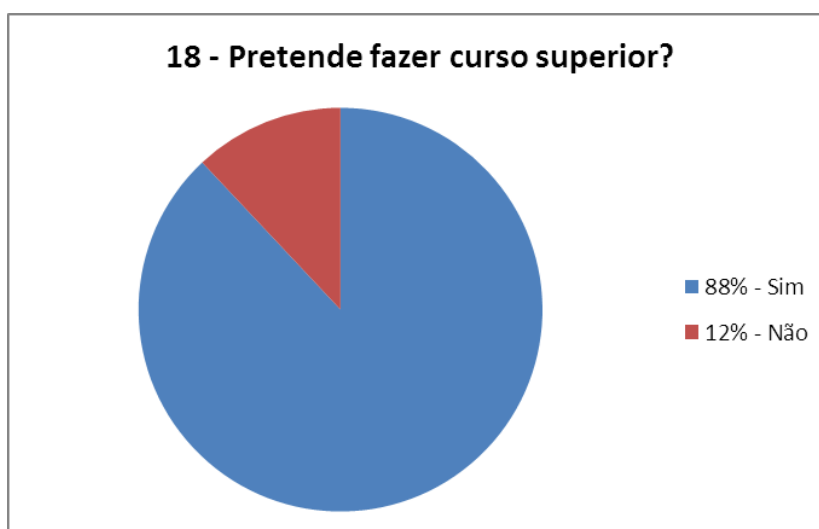


Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

Diante das respostas obtidas no gráfico 38, observamos que 88% dos/as estudantes vão prosseguir nos estudos e 12% afirmaram que não vão prosseguir nos estudos.

No que concerne a pretensões de cursar o ensino superior, o gráfico 39, apresenta que:

Gráfico 39 -
cursar o nível
Estudantes do
Adolfo
Menezes



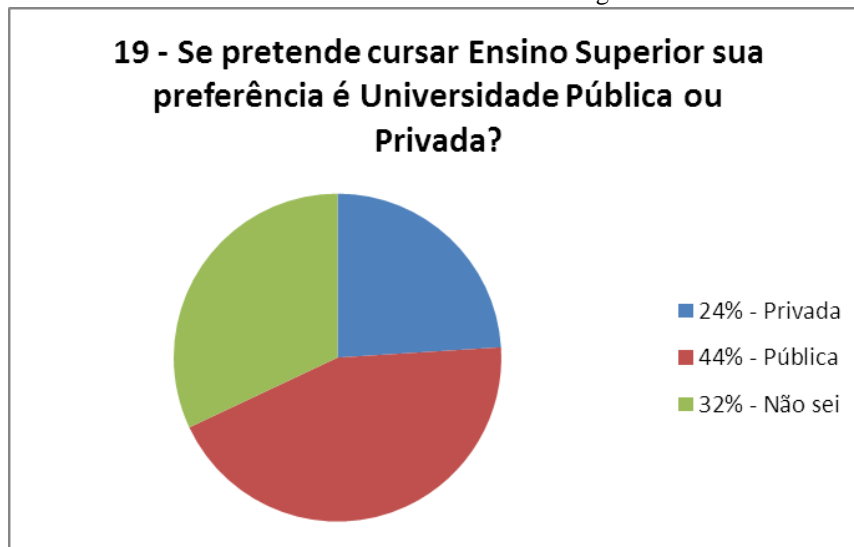
Interesse em
superior dos/as
Colégio Est.
Bezerra de

Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

De acordo com os resultados obtidos no gráfico 39, podemos analisar que felizmente 88% pretendem fazer um curso superior e apenas 12% não almejar fazer um curso superior.

No que reporta a preferência em estudar em universidade pública ou privada o gráfico 40, aponta que:

Gráfico 40 - Preferência de Universidade dos/as Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.



Fonte: ALMEIDA, Antônia, 2016. (Dados da pesquisa)

Como podemos observar no gráfico 40 – 44% dos/as estudantes, afirmam que preferem universidade pública, 32% disseram não saber e 24% preferem universidade privadas.

Após analisar o perfil socioeconômico dos estudantes das escolas escolhidas para a pesquisa aqui apresentada, é interessante observar como o ensino da geografia ocorre nestas unidades escolares destacando a visão dos/as estudantes existentes nestas escolas.

CAPÍTULO IV - AS CONCEPÇÕES DOS (AS) ESTUDANTES DO EJA DO COLÉGIO ESTADUAL JOÃO ALVES BATISTA E DO COLÉGIO ESTADUAL ADOLFO BEZERRA DE MENESES SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA.

A pesquisa aqui apresentada foi realizada em duas unidades escolares da rede estadual de ensino do Estado do Tocantins, no município de Araguaína -TO.

Na Escola Estadual João Alves Batista fez-se a pesquisa no dia 18 de abril de 2016 e encerrou-se no dia 02 de maio de 2016. Foram aplicados 35 questionários, respondidos por 35 alunos desta unidade escolar, com relação o ensino da Geografia na escola supracitada.

Iniciou-se no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes no dia 04 de maio de 2016 e terminou no dia 17 de maio de 2016, onde aplicou-se 50 questionários, respondidos pela mesma quantidade, voltadas para o ensino da Geografia naquela unidade escolar.

Para estudar as informações coletadas o questionário apresentou 09 perguntas relacionadas ao ensino da Geografia nas unidades escolares em estudo.

4.1 CONCEPÇÕES DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO COLÉGIO ESTADUAL JOÃO ALVES BATISTA

Para a realização do tópico supracitado, foram realizadas entrevistas por intermédio de questionários sobre a concepção do Ensino de Geografia no Colégio Estadual João Alves Batista.

Entende-se que a Geografia apresenta diversas correntes. Assim, busca-se identificá-las nas respostas dos/as entrevistados/as, onde se sobressai à geografia tradicional e posteriormente a geografia crítica.

A grande maioria dos/as estudantes entrevistados na questão I: O que a geografia ensina para você? Responderam que, a geografia ensina temas variados, em suma importância sobre a população, o espaço geográfico, meio ambiente e globalização.

Na questão I, questionados/as se acham o ensino de geografia importante e por quê? 35 estudantes falaram que sim, que o ensino de Geografia é importante, com diversas justificativas abordadas, e somente um estudante falou que não e não ressaltou justificativa.

Na questão III foi perguntado qual conteúdo de geografia mais gosta? Não tem uma maioria, mas ressaltaram vários temas como: guerra fria, animais, poluição ambiental, mapas,

migração, política, industrialização, continente, e com sete pessoas entrevistadas falando que não tem preferência.

Na questão IV questionou-se o que gostaria de estudar na disciplina de geografia e o por quê? A grande maioria dos entrevistados falou que não gostariam de estudar nada mais, pois os temas abordados já são o suficiente, mas alguns alunos ressaltam sobre o estudo dos cosmos, como estrelas e planetas, outros falaram sobre um aprofundamento em continentes, e geografia que relata o passado.

Na questão V foi questionado como avaliam a forma da/o professora (o) de geografia ministrar e avaliar a disciplina de geografia, todos os/as estudantes ressaltaram sua opinião com a professora de maneira positiva, como boa, ótima, excelente, dentre outros adjetivos, contudo, vale ressaltar que um dos/das estudantes respondeu que sim, ela é muito boa professora, mas por falta de tempo, e por ser apenas duas aulas por semana, o aprendizado é muito pouco e meio difícil.

Na questão VI questionou-se o que gostaria que mudasse na metodologia da/o professora (a), 31 estudantes opinaram que nada, que não precisaria mudar nada na metodologia da professora, mas 04 estudantes optaram de forma diferente, como: menos textos e mais prática, que a professora possa parar para ouvir a opinião do aluno, mais trabalhos manuscrito e por fim, que mudasse não a metodologia da professora, mas o tempo de aula.

Na questão VII foi perguntado se acha a forma como a/o professora (o) aborda o conteúdo fica fácil de entender e o por quê, 35 dos entrevistados falaram que a forma que o professor aborda o conteúdo fica fácil de entender, e uma pessoa fala que às vezes sim a abordagem é fácil, mas, em determinados assuntos cria uma dificuldade.

Na questão VIII questionadas/os sobre o que gostaria que continuasse na metodologia usada pelo/a professor/a, 32 estudantes falaram que não tem que mudar nada na metodologia da professora, mas os três deram opiniões diferentes, que poderia usar mais tecnologia, que a interação com os alunos poderia ser maior e ter mais maquetes, trabalhos e atividades práticas.

Os alunos que responderam à questão IX que sugestão daria para melhorar o ensino e aprendizagem na EJA, a grande maioria ressaltaram, que a quantidade de aulas são poucas e queriam a expansão dessas mesmas, com mais tecnologia e interação em geral.

4.2 CONCEPÇÕES DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO COLÉGIO ESTADUAL ADOLFO BEZERRA DE MENEZES.

A princípio foi realizado entrevistas com 48 estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, para saber como é a concepção do Ensino de Geografia nesta unidade escolar.

Na questão I, foi questionado o que a geografia ensina. A maior quantidade dos estudantes (48) afirma que a geografia ensina coisas variadas, mas com principal assunto a população, relatando mapas, localizações, Brasil, o mundo em geral, problemas sociais, política, planeta Terra, dentre outros.

Na questão II perguntou-se se acham o ensino de geografia importante e que justificassem, 47 alunos responderam que sim, que a geografia é importante para o ensino, com justificativas de que com ela aprendem sobre os mapas, sobre os descendentes, e em geral dos acontecimentos globais, como a globalização, política, poluição, antigos acontecimentos que interferiram como hoje esta o mundo. Duas pessoas falaram que mais ou menos, pois acredita que outras matérias, não citadas, são mais importantes, e uma pessoa falou não, e sem justificativa.

Na questão III, foi perguntado qual conteúdo de geografia mais gosta e a justificativa, a grande maioria falam que o conteúdo que mais gosta é sobre mapas, logo em seguida vem sobre a população em geral, e dois estudantes relataram que não sabiam, e um discente que não gosta de nenhum dos conteúdos por não ser do seu gosto a matéria apresentada.

Na questão IV foram questionadas/os sobre quais conteúdos de geografia gostariam de estudar e a justificativa, 40 discentes relataram que não gostariam de estudar mais outros assuntos, pois os que já são abordados estão bons, nove estudantes relataram que não sabiam que outro conteúdo gostaria de estudar. E uma discente sugeriu a agropecuária tocantinense como assunto a ser passado em sala de aula.

A questão V pergunta-se como avalia a forma que a professor/a de geografia ministra e avalia a disciplina de geografia, três entrevistados deram a sua opinião como média, sem justificativas abordadas e o restante dos entrevistados falaram bem da professora, como boa, ótima, excelente, dentre outros adjetivos.

Na questão VI, foi questionado o que gostaria que mudasse na metodologia usada pela professora (o), a grande maioria dos entrevistados falaram que não precisaria mudar nada na

metodologia da professora, outros deram a ideia de atividades diversificadas, vídeos, coisas que chamem mais a atenção do aluno, com mais paciência.

Na questão VII perguntou-se o que acha que a forma da professora (o) aborda o conteúdo fica fácil para entender e a justificativa, cinco estudantes falaram que a forma como a professora aborda o conteúdo é ruim de entender, sendo muitas vezes necessários explicar mais de uma vez o conteúdo. E os outros entrevistados relataram que sim, fica fácil entender os conteúdos, pois a professora explica bem os conteúdos.

Dos alunos que responderam à questão VIII que pergunta o que gostaria que continuasse na metodologia usada pela/o professora (o), a maioria falou que a professora continuasse com a metodologia que esta atualmente, mas alguns alunos relataram que poderia continuar com a distribuição de pontos nas atividades em sala, o uso de exemplos sobre acontecimentos, e as aulas temáticas, e atividades no caderno.

A maioria das/os estudantes respondeu na questão IX que sugestões dariam para melhoria do ensino e aprendizagem de geografia na EJA, que de alguma forma os assuntos poderiam ser mais aprofundados, de aulas com mais anotações explicativas, com seminários e trabalhos.

4.3 COMPARATIVO ENTRE AS UNIDADES ESCOLARES.

Diante da observação das aulas de geografia nas unidades escolares: João Alves Batista e Adolfo Bezerra de Menezes, e em especial na disciplina de geografia da EJA, percebeu-se que muitos alunos ainda hoje vão para as escolas com o objetivo além do aprendizado. Não colocam em primeiro lugar o objetivo do processo de ensino e aprendizagem que deveria ser o principal motivo deles estarem naquela unidade de ensino. Muitos alunos/as conversam dentro da sala de aula, sendo que não é sobre o assunto que a professora esta explicando, na verdade são conversas paralelas que atrapalha muitas vezes, até mesmo os colegas de sala, o raciocínio e o trabalho do professor.

Segundo Brasil (2002), os professores das mesmas que trabalham com a modalidade de ensino EJA, além de seguirem os Parâmetros Curriculares do Estado do Tocantins, eles aplicam os conteúdos mínimos previstos para o ano letivo, mais também eles têm autonomia para aplicar conteúdos de qualquer assunto, que tenha abordagem direta nos resultados, no processo de ensino e aprendizagem do aluno.

Desta forma, observa-se que o trabalho do professor que ministra as aulas da EJA na Escola Estadual João Alves Batista e no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, estão

voltadas para que os alunos possam sair da terceira série com uma visão básica do mundo e das coisas, devido a quantidade de aula por semana e a duração do semestre. Porém, professores de Geografia da Educação de Jovens e Adultos (EJA) têm enfrentado muitas dificuldades para cativar os alunos dentro da sala de aula, pois muitos deles não têm interesses nos conteúdos que a disciplina trabalha, sendo que esses alunos não sabem a importância que tem a disciplina de geografia na vida deles, haja vista que a geografia está presente não só na sala de aula, está presente no cotidiano de toda sociedade, seja ela local, regional e global.

Percebe-se que os jovens ainda são presença certa nas escolas, e em especial em salas de ensino de modalidade EJA, porque eles buscam uma escolarização formal, tanto por questões pessoais, que envolve na maioria das vezes exigências do mercado de trabalho que está cada dia mais exigente, seja por querer acelerar o tempo perdido por repetências no ensino regular, seja por almejar o curso superior e a EJA proporciona a conclusão do ensino básico com mais rapidez.

Observações feitas nas escolas em estudo, também se percebeu que muitos jovens e adultos, chega à sala da EJA, trazendo consigo suas experiências de vida, e com uma consciência de que precisa dos estudos para que possa ter melhores condições de vida, pois a grande maioria são pessoas que deixaram ou não tiveram a oportunidade de estudar na idade apropriada por algum motivo pessoal, sejam eles sociais, econômicos e políticos, ou até mesmo culturais. Mais muitos são alunos que foram reprovados no Ensino Fundamental e no Ensino Médio Regular.

Finalizando, pode-se dizer que apesar das unidades escolares estarem em localidades diferentes uma localizada no centro da cidade e a outra em uma região considerada periférica de Araguaína - TO, elas apresentam características semelhantes e até iguais/parecidas nas suas realidades escolares. Porque o educando da Educação de Jovens e Adultos em sua maioria buscam essa modalidade de ensino devido exigências do mercado de trabalho dos dias atuais e para chegar o ensino superior mais rápido.

Ainda neste, é de grande valia ressaltar que a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) reza em seu artigo 208, que é dever do Estado a garantia de uma educação de qualidade e defende que essa ocorra:

- I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;
- II - progressiva universalização do ensino médio gratuito;
- III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade;

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

§ 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente.

§ 3º Compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola (BRASIL, 1988).

Desta forma, é importante destacar que a LDBEN de 1996 (BRASIL, 1996) Lei 9.394 reza em seu artigo 37 que: a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. E, que ressalta:

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames (BRASIL, 1996).

Assim, essa modalidade de ensino requer um cuidado específico e, conseqüentemente práticas didático-metodológicas que institui também a idade mínima para os exames supletivos e inclui a EJA (Educação de Jovens e Adultos) no sistema regular de ensino (BRASIL, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo primordial desse trabalho foi observar o perfil socioeconômico dos estudantes jovens e adultos de duas unidades escolares: a Escola Estadual João Alves Batista e o Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, localizadas na zona urbana do município de Araguaína/TO.

Assim sendo, pode-se dizer que a consequência direta da pesquisa aqui apresentada foi mostrar que a qualidade do ensino passa, sobretudo pela gestão e pela motivação dos professores e alunos, a fim de alcançar eficácia, melhorando o sucesso escolar e o nível de aprendizagem.

A análise dos resultados obtidos demonstrou uma reflexão sobre a percepção do perfil socioeconômico dos alunos da 3ª série da EJA das escolas citadas anteriormente, onde os educandos entrevistados conhecem e mostram as enormes dificuldades na luta pela sobrevivência e, ainda para a manutenção da vida profissional.

Desta maneira, eles apontam sérios desafios na conciliação escola e trabalho, e expressam que devido a sua origem de classe (menos privilegiada) não podem sonhar muito alto. Mesmo assim para alguns, o grande desafio buscado é obter um diploma universitário como pressuposto para melhoria da qualidade de vida e profissional também.

Frente à realidade acima mencionada, é válido ressaltar que os professores/as em especial os da disciplina de geografia, atuem no espaço escolar com competência, para que o ensino realmente se faça e que a aprendizagem se realize, para que as convicções se construam no diálogo e no respeito e as práticas se efetivem coletivamente no companheirismo, na solidariedade e na construção significativa para o aluno jovem e adulto.

Por último, percebe-se que o papel do professor em todo esse processo é complexo, pois muitos jovens e adultos se sentem perdidos diante da realidade atual no que se refere ao saber, em relação ao emprego e a importância do estudo para a sua vida e para a inserção no mercado de trabalho ou manutenção deste.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: Geral e Brasil**. 3 ed. São Paulo, Moderna 2006.
- BALSANELLI, A. P. **Aprendizagem de Jovens e Adultos: a demanda á seu tempo**. Disponível em:><http://www.abpp.com.br/artigos/134.pdf>>. Acesso em: 18/08/2013.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos: 2º segmento do Ensino Fundamental – 5ª a 8ª série: introdução**. Brasília: SELF, 2002.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm>. Acesso em: 10 maio 2016.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996(LDB/1996)**. Estabelece s diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 01 maio. 2016.
- CARLOS, A. **A Educação de Jovens e Adultos e o Movimento de Alfabetização: No Brasil com prática social através de instituições formais ou não** (2010). Disponível em:><http://www.monografias.brasilecola.com/historia>>. Acesso em: 18/08/2013.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 18. ed.- Campinas, SP: Papyrus, 2013. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- COLÉGIO ESTADUAL ADOLFO BEZERRA DE MENEZES – Projeto Político Pedagógico, 2015.
- COLÉGIO ESTADUAL JOÃO ALVES BATISTA – Projeto Político Pedagógico, 2015.
- FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 26. ed. RJ: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 31. ed. RJ: Paz e Terra, 2000.
- GUIMARÃES, Michele. **As Práticas Educativas na Educação de Jovens e Adultos**. Pedagogia em foco. Petrópolis, 2002. Disponível em:<<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/jovens01.htm1>>. Acesso em: 18/08/ 2013.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: Pequena historia crítica**. – 20ª Ed. – São Paulo: Annablume, 2005.
- MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. 2. ed.- São Paulo: Contexto, 2011.

PILETTI, N. **História da Educação no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1996.

ROMANELLI, O. **História da Educação no Brasil**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 34^a ed.- Campinas: Autores Associados, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista socioeconômica para turma da 3ª série da EJA (Educação de Jovens e Adultos) da Escola Estadual João Alves Batista e do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes – Araguaína – TO.

I – Qual sua idade?

II – Qual seu sexo () Masculino () Feminino () Outros

III – Você se considera?

() Branca () Preta () Indígena () Amarela

IV – Estado Civil: () Casado(a) () Solteiro () Outros. Justifique _____

V – Têm filhos(as)? () Não () Sim. Quantos? _____

VI – Cursou o Ensino Fundamental no EJA? () ou no ensino regular ()

VII – Qual é sua profissão? _____

VIII – Em qual bairro/setor reside? _____

IX – Você utiliza qual condução para vir à escola? _____

X – Porque escolheu esta escola para estudar? Justifique.

XI – Sua renda é?

() Menos de um salário mínimo?

() Entre um e dois salários mínimos?

() Entre dois e três salários mínimos?

() Acima de três salários mínimos?

XII – Possui outra fonte de renda? () Sim () Não. Se sim qual?

XIII – Qual a profissão dos Pais? _____ ou da Mãe?

_____ Pai _____

XIV – Por que você não prosseguiu nos estudos?

XV – Por que retornou aos estudos agora?

XVI – Por que escolheu cursar a EJA e não o ensino regular?

XVII – Você vai prosseguir nos estudos? Por quê?

XVIII – Se respondeu sim na questão anterior. Pretende fazer um curso de nível superior? Se sim qual?

XIX – Se pretende cursar o ensino superior sua preferencia é em Universidade publica ou privada? Por quê?

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista do ensino de Geografia para turma da 3ª série da EJA (Educação de Jovens e Adultos) da Escola Estadual João Alves Batista e do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes - Araguaína – TO.

I – O que a Geografia ensina para você?

II – Você acha o ensino de Geografia importante? Por quê?

III – Qual conteúdo de geografia você mais gosta? Por quê?

IV – O que você gostaria de estudar em Geografia? Por quê?

V – Como você avalia a forma do (a) professor (a) de geografia ministrar e avalia a disciplina de geografia?

VI – O que você gostaria que mudassem na metodologia do professor (a)? Por quê?

VII – Você acha que a forma como o (a) professor (a) aborda o conteúdo fica fácil de entender? Por quê?

VIII – O que você gostaria que continuasse na metodologia usada pelo professor (a)?

IX – Que outras sugestões você daria para melhoria do ensino e aprendizagem de geografia no EJA?

A você, muito obrigada pela entrevista.

Abraços e Sucesso nos Estudos!

Antônia Alves de Almeida